



*Para
Todo...*

ANNO IV
PAVINE
FREDERIK
No 189

Já comprou um bilhete da Grande Loteria da Cruz Vermelha Brasileira ?

E' A MAIOR
LOTERIA
DA
AMERICA

A MELHOR
E A
MAIS BARATA
DO MUNDO!



1 Premio de	5.000:000\$000
1 " "	1.000:000\$000
1 " "	500:000\$000
1 " "	200:000\$000
2 Premios "	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

30.000 BILHETES

9.550:000\$000 em premios!!

Bilhete inteiro 500\$000 - Meios 250\$000 - Quintos
100\$000 - Decimos 50\$000 - Vigésimos 25\$000
Centésimos 5\$000.



A acção constante de um bom elemento de beleza para o rosto como o

PÓ DE ARROZ MENDEL

cujos excellentes resultados tem sido largamente comprovados na pratica, consegue obrar verdadeiras maravilhas sobre a estrutura da cutis. Pois, qualquer tez, por vulgar ou mediana que seja, consegue transformar-se paulatinamente até adquirir as caracteristicas de uma pelle de seda, fresca, suave e delicada, onde os encantos do rosto forçosamente fazem com maior esplendor esthetico.

Importante: O PO' DE ARROZ MENDEL possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de cremes ou pomadas.

Usa-se nas cores branca, rosa, para as claras de pouca cor, "chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crème) para as morenas.

Vende-se em todas as Perfumarias.

Agencia do Pó de Arroz Mendel:

RUA 7 DE SETEMBRO N. 107, 1º ANDAR — TEL. C. 2.741
RIO DE JANEIRO

Deposito em São Paulo:

RUA BARÃO DE ITAPETININGA N. 56

MENDEL & C.



ELIXIR DE INHAME

**DEPURA
FORTALECE
ENGORDA**

Ha nenhuma as mais variadas de patriotismo; entre ellas uma se nos afigura muito digna: adquirir os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, commemorativa do Centenario da Independencia, a salirem em Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas de notavel texto, finas gravuras e perfectas trichromias, de caracter eminentemente nacional.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

A REALISAREM-SE EM JULHO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias do novos Planos

Em 29 de Julho 100.000.000 por 7\$700

No preço dos bilhetes já está incluído o selo.
Agentes gerenciaes na Capital Federal: Naxareth & C.
— Rua do Ouvidor, 94. — Caixa do Correio n. 817
— Endereço telegr. Luarel — Rio de Janeiro.



J. Severino Gedeão Delfino

Eu J. Severino Gedeão Delfino, empregado publico, estando soffrendo horrivelmente de reumatismo articular, o qual atacou-me de maneira que fiquei acamado muitos dias; porém a conselho de um amigo que visitou-me entrei no uso do ELIXIR DE NOGUEIRA do competentissimo pharmaceutico Sr. João da Silva Silveira e com quatro vidros que tomei de tão poderoso remedio achu-me hoje radicalmente curado de tão ruim molestia.

Nova Cruz, 17 de Agosto de 1913.

(Rio Grande do Norte).

J. Severino Gedeão Delfino
(Firma reconhecida)

Vende-se em todas as Drogarias, Pharmacias, casas de campanha e serções do Brasil. Nas Republicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Peru, Chile, etc.



Questionario



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ovidor — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mentalmente publicamos; isso evita-lhes a muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compilar catalogos para os satisfizermos. Mais: abreviaremos o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre filmes, devem vir sempre que possível os títulos em inglês. Esta nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os filmes aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados.

MADGE SILVA (Piracuruca) — Escreva para o endereço da fabrica, 485, Fifth Avenue, N. Y. C., que necessariamente lhe irá ter as mãos. Actualmente com o First National. Não trabalha faz muito tempo; aliás, sempre fez papeis secundarios. Não ha de quê.

MISS HOBBSZINHA (Bello Horizonte) — De facto, passou-se para a Pathé N. Y. e vai fazer series novamente. Nenhum dos seus dramas teve real successo, sendo que para alguns chegou a critica a ser impiedosa. Não, Betty Blythe.

SNOBINETTE (Rio) Já não existe mais como fabrica independente, tendo sido absorvida pela Paramount. Os filmes que ainda passam já estavam feitos. Talvez a marca seja conservada, nada porém podendo garantir-lhe.

BELTRAO DE LIMA (Rio José Pedro) — Universal City, California. Casou-se, faz pouco.

SOUZINHA (Albuquerque) — Publicamos mensalmente uma lista com as ultimas alterações; quando os nomes não constam dessa lista é que o endereço é o mesmo.

ZÉBENTO (Santo Amaro) — Nada podemos garantir com relação ao assumpto, mas julgamos provavel.

X. Y. Z. (Cruzeiro) — Divorciada pela segunda vez. Póde se propôr.

BEBE DO DANIEL (Rio) — Continua sim. Não faz muito publicamos uma grande relação de filmes de que o nome della constava varias vezes. 2º, Tem 22 annos e é solteira. 3º, Em Los Angeles, California. 4º, Fifth Avenue, N. Y. C. 5º, Deixou o cinema, passando-se para o theatro.

LEOPOLDO VAZ (S. Leiz) — Não sabemos, parecendo entretanto que não passou de reclame.

BELLA ROSA (Rio) — Solteiro e parece que impenitente o primeiro; o 2º, casou-se recentemente pela segunda vez. 25000 mais ou menos.

YPSY LONE (Curitiba) — Associated Producers e Hodkinson, por enquanto, pois sabemos que ha negocios com outras marcas.

LIBELLULA (Rio) — Ora seja bem apparecida! Já estavamos com saudades. E' italiano, foi danarino de cabaret, extra e afinal estrella, feita pelo director de scena Rex Ingram. Gosta mais do Wallace? A muita gente acontece o mesmo. Aguardo outras produções para fazer um juizo perfeito.

SINHAZINHA (Porto Alegre) — Correu de facto essa noticia, parecendo entretanto não se tratar senão de mero boato. Universal City, California. Já não está com essa empresa, produzindo independente.

MISS FERGUSON (Rio) — Continua com a Paramount. Ethel Clayton está com a Robertson Cole actualmente. Elliot Dexter trabalhou ultimamente em um film da Goldwyn, não se sabendo entretanto se firmou contracto ou não.

BRILHANTINA (Friburgo) — Leia o que exigimos no cabeçalho desta seção. Só assim poderemos satisfazer as suas consultas.

MISS BRUNETTE (S. Paulo) — 485, Fifth Avenue, N. Y. C.

REDEMPTA (Niteroy) — Leia a resposta a Brilhantina.

YVANOFF (Florianopolis) — 1º, Ainda não passou por aqui nenhum. 2º, Sascha Film. 3º, Em Paris.

MISS CAMELIA (Sorocaba) — São diferentes. Um é francez, outro americano; um é em serie, o outro só de grande metragem (4.000 metros). O francez, somente, passou aqui e fez algum successo. A nossa critica, publicada em tempo, foi antes benevolente. Não ha de quê.

O' BELISQUINHO (Santos) — Todos tres 485, Fifth Avenue, N. Y. C. 2º, Preferimos Buck Jones (Charles); aos dois porém William Hart. 3º, E' solteira, loura, olhos azues, 54 kilos, 1,60 de altura.

FAMOGEROPULOS (Rio) — Não sabemos nada sobre esse assumpto. Aliás, em noticia de cinema, ha cada fantasia deste tamanho. Em todo o caso não negamos que possa ter acontecido. Tambem ha tempos se falou num par de lofetadas applicadas por lindas mãoszinhas ás rubicundas faces de Tom Mix. Já vê...

LINDA AVÓZINHA (Campinas) — Escreva, é mais prudente para a direcção da fabrica. De certo as mãos lhe irá ter.

SARITA (Belém) — 1º, Solteira. 2º, Divorciada. 3º, Viuva. 4º, Divorciada. 5º, Solteira.

BELZEBUTH (Rio) — Dirija-se ao representante da fabrica. Elle é que lhe poderá dar informes a respeito.

AMADEU (Campo Grande) — Universal City, California. Casou-se recentemente. 2º, E' solteira.

NOEMIA (Santa Anna do Livramento) — Brevemente publicaremos o que pede.

ZACHEU (Porangaba) — Ambos na Paramount. Solteiro o 1º e casado o 2º. Americanos ambos. Já deixou a Universal, trabalhando hoje por conta propria.

P. C. D. (Itabora) — Não passam de meros comprimarios, como pelos papeis desempenhados poderá verificar.

O MASCARA DE FERRO (S. Paulo) — 1º, Está redondamente enganado; já o publicamos, não faz muito tempo. 2º, Os contos ou já vêm feitos e são traduzidos aqui, ou então aqui mesmo feitos, á vista do film. 3º, Preferimos dar menos e contos integraes, que tenham um certo sabor literario, do que publicar meras descrições que o leitor poderá encontrar á porta de qualquer cinema, pedindo o programma. 4º, Nem todos. 5º, Não.

ZABBLE (Bahia) — Não podemos informar a respeito. Só os exhibidores ali poderão dar-lhe a certeza. 2º, Aqui não. Já ha muito não apparecem, e olhe que não deixam saudades. 3º, Pathé, Gaumont, Phoece, Film d'Art, etc., etc. 4º, 28 Rue des Alouettes, Paris. 5º, São duas marcas differentes.

MLLE. SENSITIVA (Jaguarão) — Ainda este anno e cremos não tardará muito. Richard Barthelmess. Não ha de quê.

THESOURO OCCULTO (Santa Maria) — Todos 485, Fifth Avenue, N. Y. C. E' o endereço da fabrica.

AZEDINHA (S. Paulo) — Não temos certeza rigorosa, mas achamos provavel. Brevemente sahirá.

ALINE (Rio) — Sim.

OS PEQUENOS ARTISTAS

São sem conta as creanças que trabalham nos Estados Unidos para o cinema. Não falando nos hoje mais conhecidos — Jackie Coogan, Wesley Barry e Baby Peggy, que cada qual no seu genero é já uma celebridade, muitos outros apparecem na scena muda, emprestando a certas scenas singular encanto. De Jackie Coogan se diz ganhar em cada um dos seus films 75 mil dollars. Jackie tem seis annos e quatro films. Total, 300 mil dollars, dois mil contos mais ou menos.

Só o cinema poderia proporcionar a um pedacinho de gente daquelle tamanho meios de fazer fortuna com aquella idade.

Richard Headrick tem quatro annos apenas e já gosa de um vasto circulo de admiradores.

Helen Stone tem trabalhado com Pauline Frederick, Lew Cody e Tom Mix.

Tea Choy, chinezinha de 4 1/2 annos, nascida em S. Francisco, trabalhou com Hayakawa em seu ultimo film, *The Vermillion Pencil*.

Jean Carpenter appareceu com Clara Kimball em *What no Man Knows*, e tal amizade lhe tomou a estrella, que todas as semanas manda buscá-la para passar um dia em sua casa.

Mary Jane Irving tem figurado em varios films, entre elles *Cradle*, da Paramount, com Ethel Clayton.

"Peaches" Jackson figura com Thomas Meighan em *A Prince there Was*; é um verdadeiro amor de creança por sua gentileza.

Wesley Barry, nós conhecemos só através do seu trabalho em *Macho e femka*. Hoje, estrella, ganha rios de dinheiro e



o filme da semana



Foi razoavelmente boa a programação dos cinemas da Avenida. Até mesmo um film exibido apenas dois dias e logo retirado do cartaz, no Odeon, era uma prova dos esforços da cinematographia franceza—"Trevas devassadas" da Gaumont. Esta produção feliz, admiravelmente ensaiada e marcada, com interpretes que muito bem caracterisavam os personagens do romance dramatico, empolgante, tinha mais, a elevar-lhe os meritos, a pratica tecnica, que é digna de todos os applausos.

O film francez não resistiu entretanto. Porque... a empresa continuou a exhibição do fim da First Nacional "Amores aos 19 annos" por Charles Ray. O interprete é querido, o film não é mau, porém não se

pode comparar, artisticamente, com a produção da Gaumont.

Tambem a Paramount, com Ethel Clayton em "Vampirismo" e William Hart em "O corajoso", encheu o Avenida. São bons films, embora não represente nenhum delles nada de mais original. Ao contrario, são banaes em seus motivos e só os interpretes os salvam. Não se pôde dizer o mesmo, porém, da "Alma em supplicio", da Goldwyn. Eis uma produção que, embora seja toda uma amostra de "trucs" cinematographicos, agradou francamente.

Talvez pelo motivo que explora, com seu fundo religioso, um tanto novidade nas maneiras apresentadas, dramatico, empolgante, intenso, a produção da Goldwyn

se recommenda mais propagação. E' verdade que também Harold Lloyd brilhou toda a semana no Pathé "Casa-te e verás", em que elle agora se exhibe, é mais um film digno da interessante e curiosissima collecção que o admiravel comico está constituindo.

Ainda alguns films interessaram, como "Mulheres levianas" e "Quando a mocidade se encontra".

Só um foi fraco, bem fraco mesmo, "Argucia de reporter" da Fox, por Edna Murphy e Johnnie Walker.

No Palais passou com grande successo a segunda epoca da produção portugueza da Invicta "Amor de perdição".

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 17 A 23 DE JULHO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First Nacional	Odeon	Amores aos 19 annos (19 and Phyllis)	Charles Ray e Clara Horton	1920	6
Gaumont	Odeon	Trevas devassadas (L'ombre déchirée)	Miles, Madys e Suzanne Després	1921	6
Paramount	Avenida	Vampirismo (Exit The Vamp)	Ethel Clayton	1921	6
Paramount	Avenida	O corajoso (White Oak)	William Hart e Lois Wilson	1921	6
Universal	Central	Conflicto (Conflict)	Priscilla Dean	1921	6
Fox	Pathé	Argucia de reporter (Extra! Extra!)	Edna Murphy e Johnnie Walker	1922	3
Fox	Pathé	Ferro e ouro (Iron to gold)	Dustin Farnum	1922	4
Pathé N. Y.	Pathé	Casa-te e verás... (I do)	Harold Lloyd	1921	7
Realart	Parisiense	Quando a mocidade se encontra (Jenny be Good)	Mary Miles Minter	1920	6
Assoc. Prod.	Rialto	Mulheres levianas (The Foolish Matrons)	Doris May, Betty Schade, Hobart Bosworth	1921	7
Goldwyn	Parisiense	Uma alma em supplicio (Earthbound)	Wyndham Standing, Billie Cotton, Flora Revalles	1920	8

(*) Não consta do programma.

tem à sua conta varios films em que figurou como astro.

Frankie Lee tem oito annos e desde os quatro apparece na tela. O seu melhor trabalho foi o do pequeno aleijado em *O homem miraculoso*.

Pat Moore appareceu no papel de filho da Rainha de Sabá.

Mickey Moore, seu irmão, nós o vimos em *O romance perdido* e *Alguma coisa em que pensar*.

Jeanette Trebaol, de seis annos e Robert de Vilbiss, filhos adoptivos de Will Rogers, figuraram com esse artista em um dos seus melhores trabalhos, *A poor Relation*, da Goldwyn.

Marion Peducha tem nove annos e apparece em series da Universal.

Tulla Bella tem doze annos e é norueguesa. Trabalha tambem em theatro.

Arthur Trimble tem quatro annos.

Marie Morehouse, com 16 mezes de idade, figurou em *The Old Nest*, da Goldwyn.

Joan Elmer Woodbury figurou em *The Halfbred* com King Baggot, que tem cinco annos apenas.

Baby Peggy Montgomery tem tres annos e figura em varias comedias da Christie. Ganha 150 dollars por semana (1-200\$000).

A MÃO SINISTRA

NOVOS FASCICULOS A'S QUARTAS-FEIRAS



Da segunda edição feita dos primeiros fasciculos do sensacional cine-romance de Eduardo Victorino sobram alguns exemplares, que podem ser adquiridos sem augmento de preço.

Henry Jr., com quatro, trabalha medias Mack Sennett.

Sanshine Sammy (é o moleque Chico), Anna May Hillson, Jackie Condon, figuram nas comedias Hall Roach.

Jane e Katherine Lee, actualmente trabalham em vaudeville.

Fifi Edwards, Muriel Prentiss Dana, Philip de Lacy, figuraram em *Alla Nazimova* em *A casa da bon*.

Billie Cotton, Dorothy, são outros tantos pequerruchos e um pelas nossas vistas em films.

Os tres Hatton, de 13, 10 e 8 annos, são popularissimos em Los Angeles. A mãe viuva, é sustentada com o trabalho dos pequerruchos, que já constroem uma casa á sua custa, onde vivem os quatro.

Violet Wilkie é hoje uma moça. Educou-se e a um irmãozinho, trabalhando creança para o cinema, ao lado de Mae Marsh.

Virginia Lee Corbin e Gloria Joy trabalham no theatro actualmente.

Johnny Jones, Lucille Rickson, Marie Kiernan, Thelma Solter, Lillian Wade, True Boardman, Zoe Rae, Ben Alexander, Lewis Sargent, Gordon Griffith, Stanley Goethals, Leslie Loveridge, Carmen de Rue e Betty Berthelso são outros tantos noutros de creanças que figuram na lista dos artistasinhos do cinema.

Às vezes a fama dos artistas infantis passa como um relâmpago. Seu maior inimigo é a muda da segunda dentição. Ahí tem elles que parar o trabalho, pois que o film não admittie mãos denteadas. E' era uma vez um artista...

ELENITA

TANGO — R. BERTO

REPERTÓRIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A Orquestra Pickmann oferece os seus serviços artísticos para bailes, chás, danças, etc. Rua Tavares Bastos, 6 — Tel. 220
Beira Mar 220

PIANO

Ilustração Brasileira

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital; 2\$500, nos Estados,



LEITURA PARA TODOS



Magazine mensal illustrado, achase a
venda o 36º numero do corrente mes com
um magnifico texto e artisticas gravuras.
Venda avulsa na Capital: 1\$500; nos Esta-
dos: 1\$700.

Graphologia

HOMERO (Rio) — Espírito plasmado num grande idealismo, que o torna essencialmente sonhador de bellezas poeticas. Vive sempre num mundo de visões, ainda mesmo quando em face das mais palpáveis realidades. É generoso de coração. A sua vontade é complacente e sem tacto diplomatico. Ha uma grande ingenuidade em quasi todas as seus actos.

AILANIA (Rio) — Repita o pedido, assignando o nome legal.

MALUCO (Petropolis) — Escreveu muito. Escreveu de mais. Esqueceu-se, porém, de assignar o nome. Perdeu o tempo, o papel, a tinta e o selo.

J. PANTONA (Rio) — Orgulho e audacia, eis o que logo sobressa na sua graphia. É uma individualidade temerosa, impõe-se de qualquer maneira. Tem para isso uma força de vontade colossal. Sabe ser expansivo ou reservado, segundo as oportunidades.

Tem um largo poder de analyse, especialmente quando trata de negocios. Nos momentos de isolamento é melancolico e idealista. Seu coração é extremamente generoso.

VIOLETA (Bahia) — O principal caracteristico está no espirito: é caprichoso e quasi sempre antagonico com o meio em que vive. Todavia, é vibrante, embora dentro de um commodimento apreciavel. Sua vontade é branda, mas bem orientada. Tem uma grande distincção de maneiras, o que lhe grangeia a fama de orgulhosa. Não o é, porém.

Apenas, pelo feitio do seu espirito e por falta de sentimentalismo cordial, é, ás vezes, mal jogada.

ROLLEAUX (Macabé) — Natureza idealista, mas dominada por um cerebro possante, capaz de dominar todos os surtos ideaes, desde que os não permitam as exigencias da vida pratica. Predomina, pois, a razão forte, e isso a despeito de sua vontade complacente.

Tem alguma presumpção de seus dotes physicos — unica vaidade perceptivel. O seu coração é pouco bondoso, ainda que de apparencias francas.

ROSALIA (S. PAULO) — Typo de mulher vaidosa e futil. Não quer saber de cadeiras de trabalho nem de pensamento. Passa pela vida "em branca nuvem", como um cygne deslizando sobre um manso lago e como o beija-flor ou a borboleta, libando prazeres, de ramo em ramo. Os instinctos voluptuosos absorvem por completo a sua personalidade. Fora delles ha apenas um certo mysticismo estranho, por estar em antagonismo com as suas tendencias constantes. É extremamente bondosa de coração.

MARK ALLEN (Santos) — Um grande amor proprio, uma grande confiança em si e uma vontade poderosa incapaz de recuar. Dados esses traços principaes, resta apontar a qualidade profundamente idealista de seu temperamento, vago idealismo, com algumas raizes litterarias e não apenas sonhador de castellos no ar. Mas é mais forte a realidade que o obriga a pôr de lado esses traços espirituais, para melhor attender ás exigencias da vida. É neste ponto que se manifesta todo o seu poderoso egoismo e toda a sua teimosia de vontade.

DANIELS (Petropolis) — Espírito muito volúvel e travesso, dominado por alguma disciplina, contra a qual frequentemente se revolta. Deve dar que fazer a seus ascendentes ou a seus superiores. Intel-

ligentissima, não tem, entretanto, o criterio do aproveitamento intellectual. Prefere os prazeres exteriores — puramente materiais. Todavia, tem um fundo serio, com o qual resiste ás tentações por si mesmo planejadas.

SOLANGE RIVERA (Esperança) — Espírito contraditorio consigo mesmo. Ora se inclina para o idealismo, ora para o materialismo. São evidentes a falta de ponderação, o capricho arbitrario, a impetuosidade, ao lado de alguma expansibilidade e franqueza de caracter. Tem bastante perspicacia para conhecer os proprios defeitos, mas não possui a força de vontade bastante para os corrigir, embora se prometta realizar transformação. É evidente a frieza de sentimentos, mas sem sacrificio da bondade caritativa.

COBRA D'AGUA (S. Paulo) — O que logo se percebe é a delicia de modos encobridora uma grande frieza de coração. Seus instinctos são muito rasteiros, sobresaltando os de amor ao dinheiro. Tem a preocupação de correcto e do bonito e nisso concentra a vontade que, aliás, é apenas ambiciosa, sem pertinencia. Quando por acaso tem impetuosidade, não duradoura. De resto, é uma individualidade que se faz estimar pela delicadeza do trato.

VICENTE PACIENTE (Crato) — Dizemos da sua graphia que é a de uma natureza rude, com fortes instinctos de luxuria e um vago idealismo poetico. Nota-se, tambem, o indicio de um orgulho ingenuo e balofo, bem como de um espirito hesitante, em face de qualquer difficuldade. E nada mais.

MARY (Araraquara) — Natureza complicada por varios sentimentos contradictorios, em luta constante. Vida espirituall precaria deve ser a sua, entre as pretensões ambiciosas e a fraqueza das forças realizardoras. Ao mesmo tempo gosta de apparentar grandezas e isso agrava a sua situação. Desconfia muito, ás vezes até de si, e por mais perspicacia que desenvolva não consegue attinar com a causa unica da fraqueza do espirito. Ainda assim, restam-lhe forças para ter alguma sfacelice e procurar seduzir por esse lado o apreço á sua pessoa. Incontestavelmente, porém, possui um coração philanthropico.

DILSI (Botucatu) — Espírito calmo, muito consciente do seu valor para enfrentar as cousas da Vida. Tem-no, relamente, quer pela sua clareza, quer pela sua força. É um espirito decidido, sem vaidades nem exaggeros. Não cultiva o idealismo, senão quando elle está de accordo com as possibilidades da pratica. Mesmo assim, ainda hesita em se deixar dominar pelo sonho. Sua vontade é poderosa: pertinaz e delicada — o que lhe dá maior efficiencia. Comprehende perfeitamente as virtudes da philanthropia, mas só as pratica com quem realmente as merece.

MME. SANS GENE (Rio Grande) — Sobressa na sua graphia o traço poderoso da vaidade: vaidade interna, se assim se pôde chamar ao excessivo amor proprio e vaidade externa, qual a de ser bonita e faceira. Claro, pois, que não ha grande ponderação espirituall: ha, sim, audacia. E sob apparencias de generosidade palpita um coração indifferente aos males alheios.

NORMA (Ponta Negra) — Temperamento eivado de desconfiança e cheio de instinctos sopitados. Tem um decidido amor aos bens de fortuna e isso lhe absorve o melhor do seu pensamento. É egoista de coração, quer em amor quer em virtudes philanthropicas. Tem muita audacia, mas a vontade é fraca e claudica a cada passo. Todavia, como é muito amavel, possui um largo circulo de afeições.

S. DE A. (Rio) — Temperamento "burro de carga", isto é, paciente, resignado e trabalhador. Deve ser victima constante dos que, consciencia ou inconscientemente, exploram a fraqueza alheia. Tem revoltas intimas, mas sobra-lhe a timidez para se conformar e continuar a ser degraço dos outros. De resto, possui um cerebro forte, para resistir a quaisquer emulatores, e parece resolvido a lutar contra adversidades com a sua formidável paciencia e com a sua grandezza d'alma.

X. X. (S. Paulo) — Caracter malleavel, producto de uma larga perspicacia. Seu espirito é vivaz e activo, mas sabe dissimular-se a ponto de parecer tardo e humilde... Tudo para não prejudicar interesses materiais, a que sacrifica o melhor da sua vida e da sua actividade. Já se vê, pois, que é fundamentalmente materialista e que tem a bossa commercial — o que tambem está particularmente expresso na sua graphia. Mas não é egoista de coração.

DOROTHY DALTON (Macabé) — Typo de mulher romantica, mas de um romantismo pouco elevado. Seu espirito só vibra com as grandes emoções e tem a predilecção das scenas rudes e violentas. Se fosse escriptora escreveria pelo genero Xavier de Montepin... O seu cerebro é extremamente apaixonado, sem bondade caritativa. Sua vontade é violenta, seguida de longos collapsos. D'ahi uma extrema vivacidade finalizada em extrema melancolia.

HARRY SWEET (Rio) — Espírito faceto, jovial, mas energico, em se fazendo necessario. Vontade regulada pelo mesmo padrao: complacente, conformada, mas com impetuosidade de grande força. Tem um grande sentimento artistico. Constitue o seu unico ideal o culto a tal sentimento. Qualidades de coração fragilissimas.

GLADYS WALTON (Barreiro) — Fortes instinctos sensuaes, mas sopitados pela clarividencia de um espirito perspicaz, muito avisado. Vontade impetuosa, mas timida e obediente á voz da razão. Disso resulta, pois, um ser em apparente equilibrio. Extremamente faceira, attrahe as attencões generas com o seu aspecto garrido, e tem ainda no coração bondoso um novo atractivo á sympathia do meio em que vive. Mas é inquestionavelmente uma tortura da...

BOA NOVA (Meyer) — Não podemos tomar em consideração o seu pedido feito a lapis e sem assignatura legal.

As gerações vindouras, satisfeitas, hão de ler os numeros da **ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, commemorativos do Centenario da Independencia, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas cada um, de escolhido texto, finas gravuras e elegantes trichromias.

Os numeros especiaes da **ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA**, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas de escolhido e variado texto, finissimas gravuras e trichromias, serão um elemento importante para o estudo retrospectivo da vida nacional, nos seus cem primeiros annos.

NÃO SE ILLUDA COM PANACEAS

Para a cura certa de molestias de senhoras o melhor remedio é **UTEROGENOL**.

CASA COLOMBO

Grandes Armazens

Secção de Fazendas
e Armarinhos

Novidades recebidas de Paris



Sedas diversas

Cintos

Pulseiras

Collares

Bolças

Fitas

Meias

Tudo Moderno!

CASA COLOMBO

Para Bem Vestir

A Belleza considera-se attingida sempre que se obtém uma perfeição, uma graça que torna o rosto o conjunto harmonioso e atraente, ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um producto verdadeiramente util como o "**POLLAH**", corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.

... a belleza deve conservar-se ainda depois da juventude — aquella que é Feia, tendo podido evitar a Fealdade commetteu um Feio Peccado.

O ideal de um rosto bonito não é só belleza da forma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas, enfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CRÈME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo e devido a esse resultado é que o CRÈME POLLAH DA AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana), está cada vez mais procurado em todo o mundo.

O CRÈME POLLAH encontra-se na Casa Crashley, Rua do Ouvidor e nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua Primeiro de Março, 151, sobrado.

COMO LAVAR O ROSTO ?

PERIGOS A EVITAR

Nunca se deve usar oleo para a cutis, a não ser em alguns casos de doença da mesma. O uso do sabonete é bastante prejudicial. O mesmo que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arripiam, succede á cutis, que perde a maciez e o brilho com o uso constante de sabonetes.

O sabonete, em antigos tempos, era pouco usado e ainda hoje, as orientaes possuem as cutis mais formosas do mundo porque não as estragam com o uso de alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão.

Para limpar a cutis devem ser usadas as farinhas em substituição aos sabonetes. A FARINHA PERFUMADA DE AMENDOAS POLLAH é inigualavel, limpando perfeitamente a cutis e evitando os estragos produzidos pelos sabonetes.

O immenso uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos vem sendo feito da FARINHA PERFUMADA DE AMENDOAS "POLLAH", prova a excellencia da mesma, que hoje temos a oportunidade de offerecer a quem deseja evitar as desagradaveis consequencias do uso do sabonete. A FARINHA PERFUMADA DE AMENDOAS "POLLAH", ENCONTRA-SE NA CASA

CRASHLEY & C. — OUVIDOR, 58; E NAS PRINCIPAES PERFUMARIAS.

Deposito: Rua Primeiro de Março, 151 — Sobrado

("Para Todos...") — Corte este "coupon" e remetta — Srs. Reps. da "AMERICAN BEAUTY ACADEMY", rua 1ª de Março n. 151, sob. — RIO DE JANEIRO.

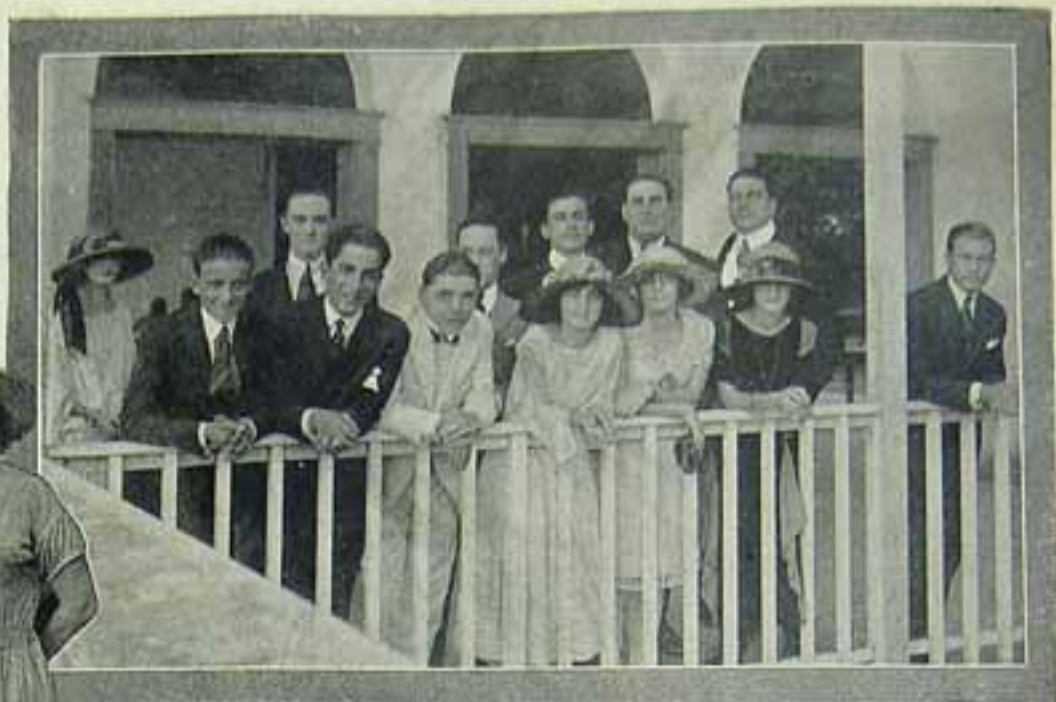
NOME | CIDADE

RUA | ESTADO



CHÁ EM BENEFÍCIO DOS POBREZINHOS PROTEGIDOS PELA PEQUENA CRUZADA. — QUE SE REALIZOU NO NOVO HOTEL SETE DE SETEMBRO, A AVENIDA SANTOS DUMONT, SÁBADO PASSADO.

DOMINGO
NAS
PAINEIRAS.



As SENHORAS SOUZA LOPES
E COSTA PINTO e O SR. LUIZ
PENNA ORGANIZARAM UM
"PIC-NIC", QUE SE REALI-
ZOU, DOMINGO PASSADO, NAS
PAINEIRAS, RESULTANDO
NUMA LINDA FESTA DE ALE-
GRIA E ELEGANCIA.



PALAVRAS QUE O VENTO NÃO LEVOU...

Volúpia... prazer do corpo que se alonga pelo espí-
rito...



Estávamos os dois ali, românticos, olhando o mar. A
noite era de Maio. (Foi há muito tempo). Maio é uma boca

que conta do passado. O silêncio que ascendia, depois da que-
da das ondas, tornava dolente a nossa attitude.

Os meus lábios murmuraram:

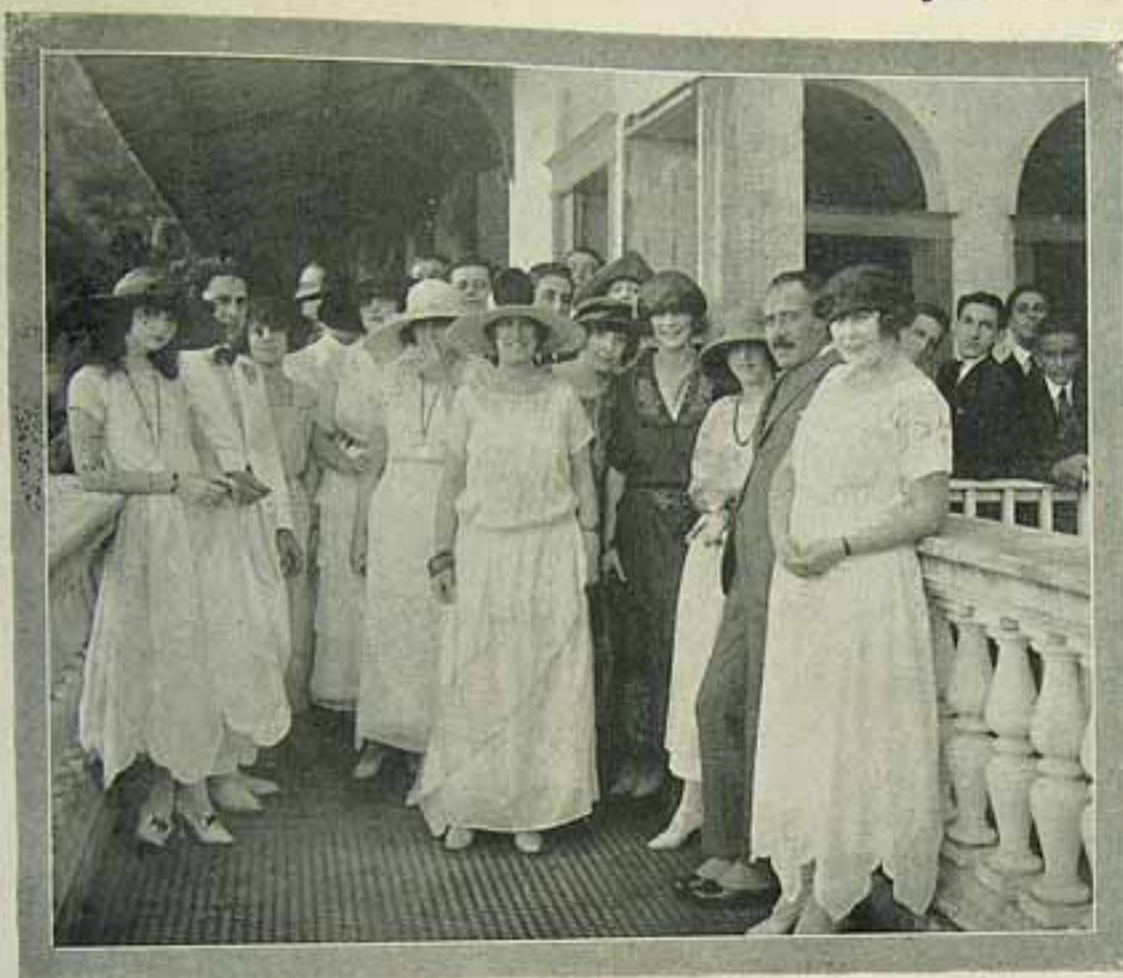
— "Nous aurons des lits pleins d'odeurs légères..."

Os outros lábios ecoaram:

— Um chapéo daquelles por noventa mil réis é de graça!



De todos os amores, felizes ou dolorosos, que tivemos,



GRUPO DE
CONVIDADOS
AO "PIC-NIC"
DAS PAINEIRAS
AO CENTRO, A
SRA. RENATO
DE SOUZA
LOPES. NA
PHOTOGRAPHIA
AO LADO, ESTA
O AVIADOR
PORTUGUEZ
SR. CAPITÃO
DE FRAGATA
ARTHUR DE
SACADURA
CABRAL.



faz a saudade, depois, uma imagem só. As mulheres a quem
amamos e que nos amaram são, no fim de tudo, as estatuas
mutiladas do nosso amor...



A verdade é um engano antigo...



— Eu queria que tu soffresses por mim, que tu sof-
fresses muito, meu amor, por mim!
— Queres ver mais feliz ainda...

ALVARO MOREIRA.



A BRILHANTE ESCRITORA D. RUTH LEITE RIBEIRO DE CASTRO. DA NÓSSA SOCIEDADE. AUTORA DA ... "E A VIDA CONTINUOU". PEÇA EM TRES ACTOS DA COMPANHIA DE COMEDIA BRASILEIRA, DO THEATRO S. PEDRO E SOB A DIRECÇÃO DE EDUARDO VICTORINO.



MIMI, FILHA DO SR. ALBERTO ALMEIDA; WILSON E WILBUR, FILHOS DO SR. HECTOR OLMEDO, AO LADO DOS INSEPARAVEIS COMPANHEIROS.

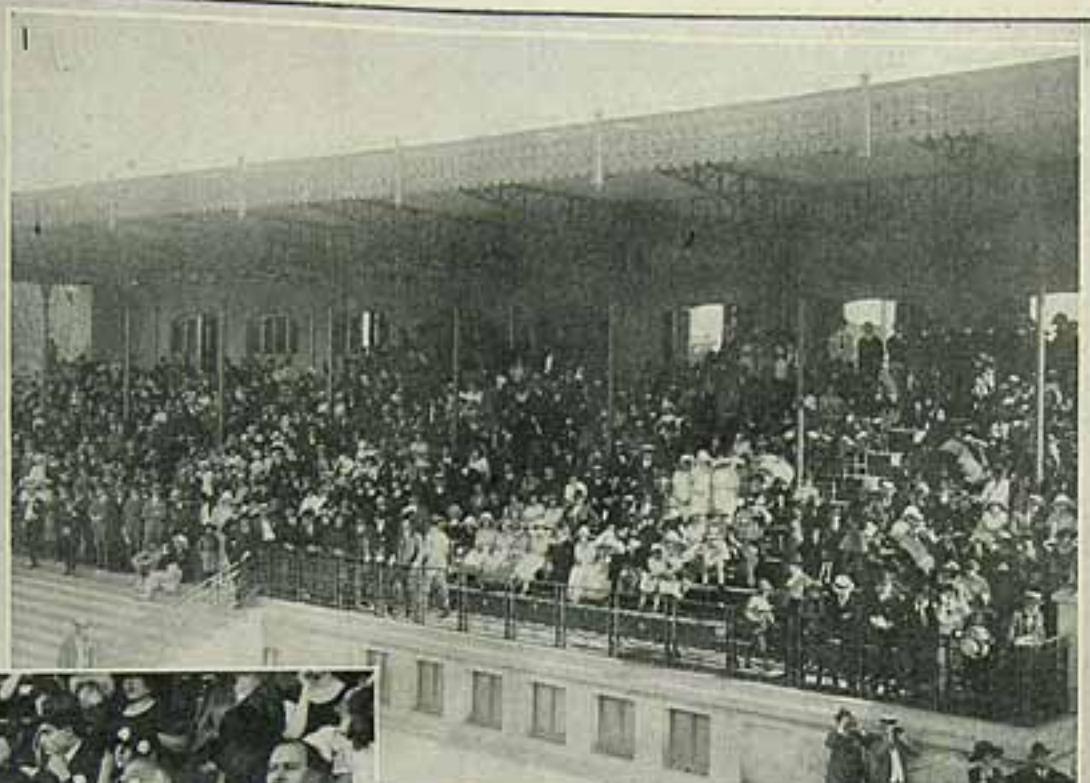


A GALANTE FILHINHA DO SR. CAPITÃO DALTRO, COMMANDANTE DA 3ª COMPANHIA DE METRALHADORAS—ARLETTE, CUJO FALLECIMENTO, HA DIAS, FOI SENTIDAMENTE DEPLORADO POR QUANTOS CONHECIAM ESSA INTELIGENTE MENINA.



ENLACE ODETTE DE BARROS MARTINS COSTA — DR. NUMERIANO CORREIA DE MELLO.

A FESTA
OFFERECIDA
PELO
AERO CLUB
DE
S. PAULO
AOS
HEROICOS
AVIADORES
LUSITANOS.



1) A ASSISTENCIA NO PAVILHÃO DA DIREITA—2) GAGO
COUTINHO, SACADURA CABRAL E O SR. CONSUL POR-
TUGUEZ, ENTRE CONVIDADOS E SOCIOS DO AERO CLUB
DE S. PAULO—3) MINIATURA DO "LUSITANIA" RECOR-
DANDO O "RAID" LISBOA-RIO—4) JOÃO BERTOM—5) MANUEL LACERDA FRANCO—6) REYNALDO GONÇALVES
E AMELIA PINHEIRO MACHADO—7) EDU CHAVES

7) EDU CHAVES



EM S. PAULO — ASPECTOS VARIOS DA TARDE DE AVIACAO PROMOVIDA PELA AVIADORA PATRICIA THE-REZA DI MAZZO E REALI-

SADA NO PRADO DA MOOCA, EM S. PAULO, EM HOMENAGEM A SACADURA CABRAL E GAGO COUTINHO. ALÉM DA PROMOTORA, TOMARAM PARTE NA BRILHANTE FESTA OS AVIADORES EDU CHAVES, JOAO HOBRA, FRITZ ROESLER E ERNESTO STECKMANN, DIRECTOR DA ESCOLA DE AVIACAO DE CAMPINAS. NA GRAVURA N. 5 ESTÃO TODOS OS AVIADORES.

CINEMA Para todos...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 29 DE JULHO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

PAULINE FREDERICK é incontestavelmente uma das maiores figuras do film norte americano. Basta o seu trabalho em *A Ré Mystéreuse* para que jamais seja esquecida. Actualmente trabalha no palco, depois de uma serie de films para a Famous Players, Goldwyn e Robertson Cole.

No proximo numero — TOM MIX.

Chronica

AINDA A PROPOSITO DE PROGRAMMAS

De illustre exhibidor desta cidade recebemos uma carta sobre o artigo publicado ha dias a proposito da conveniencia de uma intelligencia que julgáramos possivel entre os importadores brasileiros e argentinos, para que ambos os países pudessem gozar das mesmas vantagens, passando pelas telas dos nossos cinemas também as produções que actualmente só passam nas dos nossos vizinhos do Sul, de marcas que ha muito abandonaram o nosso mercado.

Nessa missiva diz nosso correspondente que a idéa não é nova e já foi tentada a sua realisação, fructuando entretanto todas as negociações ante as exigencias descaídas dos importadores argentinos, que obtendo por um preço mais ou menos elevado a exclusividade para toda a America do Sul, entendiam que devia caber ao Brasil uma taxa de quasi 50 % sobre esse pagamento, em vista de sua grandeza territorial e população, sem attender entretanto ao exíguo numero de salas, a projecção e difficuldades de comunicação que impossibilitam muita vez a exploração de um film em todo o país.

Por isso, e só por isso, é que não se realizou até agora um entendimento entre exhibidores portezos e curucos.

Se é isso o que tem acontecido, não é caso para desanimar entretanto, por isso que a falta de entendimento, bem pôde algum exhibidor mais audacioso tomar o caminho da "Argentine-American", que já está definitivamente estabelecida em nosso mercado, e então teremos a concorrência aberta, a luta travada entre uns e outros.

Não que isso nos desagrade, porque, visando exclusivamente os interesses do publico, sempre se batem essa revista pela vinda de novas marcas ao mercado brasileiro, e dessa sua campanha já ha resultados patentes.

As velharias cinematographicas que eram correntes em nossos salões, foram a pouco e pouco desaparecendo, substituídas por films novos, de novos productores; e ninguém poderá negar que em grande parte se deve esse facto ao esforço de "Para todos..."

Mas não seria melhor obter esse resultado sem lutas azedas por um entendimento razoavel?

Cremos que ninguém negará a vantagem desse segundo processo.

"Imparcial-film", revista cinematographica de Buenos Aires transcreveu, commentando sympathicamente, o nosso editorial, gentileza que agradecemos profundamente.

Acreditamos que uma campanha levada a effeito pela imprensa cinematographica daqui e de lá, servirá talvez para aclarar o assumpto, permitindo que novas negociações, entabuladas cheguem a um favoravel resultado, afastadas quaisquer difficuldades pela cooperação que lhes emprestássemos.

Seria um serviço prestado ao publico que tudo teria a lucrar com a movimentação e enriquecimento dos programmas.

Ha em Buenos Aires importadores que adquiriram a exclusividade para toda a America do Sul de marcas varias que já mais veremos no Brasil, talvez, sem esse entendimento.

O interesse dos nossos exhibidores seria trazer-as ao nosso mercado, e o dos concessionarios argentinos de não perder o nosso mercado, cuja exploração lhes alliviará o custo da exclusividade.

Parece-nos que o momento é opportuno para uma tentativa de conciliação de interesses nesse sentido.

E para que ella resulte efficaz, estaremos sempre promptos a prestar nosso desinteressado auxilio.

OPERADOR.

Bebe Daniels nasceu a 14 de Janeiro de 1901, em Dallas, Texas. Trabalhou desde creança no theatro. Dos 8 aos 14 annos estudou em varios collegios. No cinema trabalhou para a Selig, estreando em *The Common Enemy*. Trabalhou quatro annos em comédias, tendo feito varias com Harold Lloyd.

Estreou no seu primeiro papel de responsabilidade em *Macho e femer*; fez depois um papel (*Vicio*) em *O bello sexo*, e logo depois em *Por que trocar de esposa?* Figurou depois com Wallace Reid em *Doente a nuque* e *Dansarino maluco*. Passou-se depois para a Realart, onde suas comédias de salão fizeram real successo.

Volvou ao elenco da Paramount quando a Realart foi absorvida. É uma das artistas mais esperançosas da tela.

Betty Blythe está actualmente trabalhando para os United Artists em um film de Rex Beach. Betty é sobrinha de Samuel G. Blythe, conhecido e apreciado poeta, fez na Universidade da California meridional e no West Lake Seminary estudos de musica, dança e literatura, indo depois cursar por algum tempo o Conservatorio de Paris. Gosta muito de Shakespeare, desejando interpretar as grandes figuras femininas do famoso dramaturgo inglez.

NOVIDADE CINEMATOGRAPHICA — Temos uma boa noticia para os nossos leitores. Brevemente, em Setembro, o mais tardar, começarão a ser exhibidas no Rio de Janeiro as famosas comédias Buster Keaton, as unicas que nos Estados Unidos fazem, em seu genero, concorrência ás de Harold Lloyd. Buster Keaton trabalhou para a Metro e agora está com o First National; é o marido de Nathalia a terceira das irmãs Talmadge.

As famosas comédias passarão atravez das linhas da Paramount, que é sua concessionaria exclusiva para o Brasil.

Za Su Pitts (Mrs. Tom Gallery) acaba de ter uma surpresa, ou antes de dar uma surpresa ao marido... se é que este se admira, com o nascimento de uma garotinha de 3 1/2 kilos de peso, no mez de Maio passado.

Pauline Frederick, que acaba de deixar a Robertson Cole, estava percebendo por seu trabalho 7 mil dollars (32 contos) por semana.

Sessie Hayakawa ganha na mesma empresa 4 mil dollars (30 contos) pelo mesmo espaço de tempo.

No film da Universal, *The Trap*, ha uma luta entre Lon Chaney, o grande característico, e um lobo que horripila positivamente o espectador. É uma das mais empolgantes scenas já mais vistas na tela.

UMA GRANDE ARTISTA Corinne Griffith

(CORRESPONDENCIA DE NEW YORK
— ESPECIAL PARA O "PARA TODOS..." —)

A gentileza de Mr. Howe proporcionara-me a dita de conhecer uma das artistas sobre a qual se voltam os olhos da critica cinematographica, classificando-a como uma das mais geniais interpretes do drama sem palavras. Seus ultimos trabalhos cinematographicos tem atrahido sobre ella a attenção e os applausos do publico, que nella ja enxerga hoje uma das grandes figuras da tela.

Tenho realmente paxar, que até essa minha terra não vão actualmente os films modernos da Vitagraph, uma das mais antigas empresas productoras da Cinelandia, e que depois de ter a sua actividade offuscada por outras marcas mais modernas, voltou resolutamente a discutir a todas e lozar que tão preponderantemente fora seu, outr'ora. Foi no studio dessa empresa, em Brooklyn, N. Y., que no dia e hora designados procurei por Mr. Harold Howe em seu gabinete de trabalho. Com a cortezia que o caracteriza, e como bom americano, não querendo perder, nem desejando que eu perdesse o tempo, introduziu-me, logo após a troca das primeiras palavras, no salão do studio, onde o aguardo, o momento favoravel para entrevistar Corinne Griffith. Essa artista é de grande amabilidade, bem mais feminina do que a maior parte das suas collegas. Recebeu-me, e em pouco já estava eu subjugado ao seu inexprimivel encanto e irresistivel sympathia. Falou-me do Brasil, de onde tem recebido varias cartas. Fz-lhe os cumprimentos da parte de Para todos..., mostrando-lhe os exemplares que especialmente levava. Disse-me: conhecer já essa revista que, como as suas congeneres de todo o mundo, se encontra em



CORINNE GRIFFITH

todos os salões de studios. Infelizmente ella só folheia as revistas estrangeiras. Miss Griffith só fala o inglez.

Deixou-me por momentos, voltando a trabalhar. Pediu-me que a esperasse. Foi quando vi o seu modo de trabalhar e porque motivo os seus films nos dão sempre tão grande sensação de naturalidade. Corinne Griffith sente a situação, não macaqueia o sentimento. A scena que ella representava era altamente dramatica, muito commovedora. A um canto um violino em surdina fazia ouvir os lamentos de uma elegia. E os olhos azues, de um azul tão intenso, foram aos poucos roçando lagrimas como a situação pedia, mas lagrimas de verdade, não essas lagrimas de glicerina que tão redondas rolam pelas faces das estrellas quando se trata de tirar retratos para os habaenda.

Volveu ella a falar-me e interrompeu meus cumprimentos pedindo-me que lhe falasse do Brasil ora em tão grande evidencia, tão discutido nos Estados Unidos a proposito da futura exposição do Centenario. Miss Griffith gosta muito das *Brasillias Nuts* (castanhas do Pará) e dos nossos lindos travessos brejeiros *little monkeys* (macos).

Depois de l'excello lancheon no restaurant do studio, Miss Griffith levou-nos a todos, Mr. Campbell, Mr. Howe e eu na sua magnifica *Hemansie Mansion* para a cidade.

Foi nesse trajecto que Miss Griffith sabendo que eu tambem trabalhava para o cinema, convidou-me delectadamente a collaborar em seu proximo film.

Ao nos separarmos fez-me ella prometter que iria ao *Hotel des Artistes* a 16 (de Abril) tomar parte em uma reunião intima que offerencia aos seus amigos.

♦ ♦ ♦

O dia da Paschoa foi o mais bello dia de primavera deste anno. Pela manhã fora eu a cathedral de Saint Patrick, e confundido no meio daquella enorme multidão em



CORINNE GRIFFITH AOS 5 ANNOS.



CHARLES HUTCHISON



1) CORINNE NO JARDIM. — 2) CORINNE GRIFFITH ; POSE ESPECIAL PARA O "PARA TODOS...". — 3) CORINNE GRIFFITH ; POSE ESPECIAL PARA O "PARA TODOS...". — 4) CORINNE GRIFFITH ; POSE ESPECIAL PARA O "PARA TODOS...". — 5) CORINNE GRIFFITH ; TRAJE DE REINO.



GRIFFITH NA INTIMIDADE: EM SEUS APOSENTOS DO HOTEL DES ARTISTES. — 4) CORINNE GRIFFITH EM UM DOS
EPÇÃO. — 6) UMA POSE ARTISTICA DE CORINNE GRIFFITH.





RUMO A LONDRES



"THE ROAD TO LONDON"



Film da Associated Exhibitors—Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Lady Emily	Joan Morgan
A duquesa	Saba Raleigh
O visconde	Gibb McLaughlin
Rex Rowland	BRYANT WASHBURN
Seu pae	George Foley
O vigário	O rev. dr. Batchelor
Um policial londrino	N. N.

OPINIÃO DA CRÍTICA

Apezar da futilidade do enredo ou por isso mesmo é agradável e divertido.

Moving Picture World

Bryant Washburn explora assumpto londrino neste film.

Motion Picture News

E' uma excellente diversão.

Exhibitor's Herald

Agradará na certa ás rodas finas da Sociedade.

Exhibitor's Trade Review

Novidade atrahente essa combinação de comedia e paisagem.

Wid's

A ancia de ver consas novas, de conhecer nova gente, leva em visita á Europa um joven americano, jovial, azougado, aventureiro, e seu pae, um bonachão indulgente, senhor de milhões de dollars, cuja conta exacta elle proprio desconhece. Pae e filho vivem no pé da mais perfeita intimidade, e são em extremo "camaradas" um do outro.

Surprehendemol-os pela primeira vez em Londres, precisamente na hora em que o velho Rowland recebe um chamado urgente que o força a pôr-se a caminho de Paris, sem tempo senão para correr ao hotel que os dois habitam e ali deixar ao filho recado para que se ponha em actividade e corra a juntar-se com elle em Charing Cross, de onde seguirão ao seu destino. Rex recebe esse recado com lamentavel atrazo; mas, sem embargo, logo se prepara para obedecer ao mandado paterno.

Em caminho para a estação, o seu taxi vê-se impedido de proseguir por uma congestão subita do trafego, e pelo gesto automatico com que um policial ordena se paralysa o movimento de vehiculos. E' nessa occasião que elle avista, não distante, um luzidio Rolls-Royce recheado da mais apurada nobreza londrina, representada no acto pela Duquesa, uma senhora firme e resoluta; seu sobrinho, o Visconde, servil e cortejador, e sua sobrinha Lady Emily, inoffensiva peteca nas mãos de sua importantissima tia.

Dos tres rostos, o que o impressiona — naturalmente! — é precisamente este ultimo, um bijouzinho de carne nevada, ante o qual o coração de Rex se põe aos pinotes, como um potro turbulento. Um momento elle observa o lindo automovel de vidros "biscutés", em cujas portinholas apparece um brazão d'armas; mas a sua observação dura apenas um segundo, porque os seus olhos terminam em voltar-se ao palminho de cara tentador com que o destino o consola

da interrupção da viagem. E Rex sente-se amplamente consolado, especialmente quando, no momento de se desafogar o trafego, o automovel aristocratico começa a se pôr em movimento, e o rostinho attrahente se volta para elle com um sorriso, a indicar



As atropalhções do automovel.



Na montanha.



"Chauffeur" a nuque.



Peripeccias da fuga.

que a dona lhe percebeu o olhar patentemente adorador.

A gorda duquesa que acompanha a linda moça, Lady Emily, tem, porem, assentado casual-a com aquelle dissipado visconde que as acompanha, e dahi o sorriso que a galante menina, em meio á sua angustia, desfecha ao joven e impressionavel americano.

A partir desse dia, decidido como todos os homens da sua raça, Rex Rowland acompanha todos os passos de Lady Emily, o mais dissimuladamente que lhe é possivel. Certa manhã descobre a gorda duquesa e seu sobrinho a apearem-se do aristocratico Rolls-Royce, para entrar numa das elegantes lojas de Regent Street. Lady Emily ficou sózinha, no vehiculo aberto. O galameador e a donzellinha estabelecem uma rapida permuta de enbaraçados sorrisos, Lady Emily, cuja situação é desesperadora, despede-lhe num desses sorrisos um appello de salvação urgente, mais claro do que uma carta escripta em machina. E Rex immediatamente se sente um heroe de romance, um heroe ao lado de quem Ricardo Coração de Leão não passaria de um pichote. Aproveitando um momento de distracção do aristocratico "chauffeur", faz signal a Lady Emily para que saia do automovel e corra para junto delle. A moça obedece sem hesitar um segundo. Junto ao meio-fio da calçada um lindo carro de estrada aguarda o regresso do seu dono. Sem pestanear um momento, Rex faz de conta que o carro é seu, accomoda nelle Lady Emily e eil-os em marcha, com o joven americano ao volante. Apercebidos do rapto, mas estarecidos ante a façanha incrível, a gorda duquesa, o extravagante visconde, e o aristocratico "chauffeur" lançam-se á caça dos fugitivos. O trafego interrompido de novo obriga o heroe amoroso a uma serie de "trues" e aventuras como jámais ocorreriam a nenhum outro individuo elegivel ao páriato britannico.

A perseguição continúa ao longo de Piccadilly. Os namorados, ao sopé do palacio Buckingham, descrevem uma curva vertiginosa que a rainha Mary não teria deixado de applaudir, se porventura Sua Majestade estivesse na occasião á janella do seu "boudoir". Dão a volta á Abbadia de Westminster e deslisam pela ponte de Westminster, deixando a sumir-se, á retaguarda, o recôrte das casas do Parlamento. Atravessam meteoricamente os subúrbios da parte sudoeste da metropole e penetram finalmente, na encantadora Inglaterra rural. Respiram por fim, alliviados, certos de que conseguiram pôr um espaço de muitas milhas entre as suas attribuladas pessoas e a gorda duquesa que os persegue. Eis senão quando, ao atravessarem uma aldeia, detem-n'os uma falta de gazolina. Mas é cousa tão morosa abastecer de combustível um automovel na Inglaterra, que Rex e Lady Emily preferem requisitar outro carro abandonado á margem da rua, e se valerem delle para continuarem a sua oydsséa.

Finalmente, aproveitando um trecho do trajecto, que lhes permite mais calma e reflexão, abordam finalmente o assumpto capital:

(Termina no fim da revista)

O POLICIA Nº 666

"Officer 666"

Film da Goldwyn — Produção

DISTRIBUIÇÃO
de 1921

Travers Gladwin . . .	TOM MOORE
Official 666 . . .	Harry Dunkinson
Helen Burton . . .	JEAN CALHOUN
Whitney Barnes . . .	Raymond Hatton
Alfred Wilson . . .	Jerome Patrick
Sadie . . .	Priscilla Bonner
A Sra. Burton . . .	Kate Lester
Capitão de polícia . .	Hardie Kirkland
Kearney . . .	Maurice B. Flynn
Bareato . . .	George Kuwa
Watkins . . .	Al Edmunson

OPINIÕES DA CRÍTICA

Valiosa produção da Goldwyn, muito cômica.

Moving Picture World.

Muito complicado o enredo, mas muito divertido. Agradará francamente aos admiradores de Tom Moore.

Exhibitor's Herald.

Diversão média com legendas muito bem feitas.

Motion Picture News.

O successo da peça theatral deve tornar-se maior ainda em film.

Exhibitor's Trade Review.

Excelente diversão e magnifico desempenho.

Wid's.

Travers Gladwin era um *millionaire blasé*, joven ainda, mas que já fêra a volta ao mundo para encontrar uma certa coisa que não se compra com dinheiro. Vivia numa casa magnifica, em companhia de Bareato, o seu criado japonês. Aborrecido com a mesma immutavel rotina dos seus divertimentos, chegou um dia a uma resolução extrema.

— Vou passar seis mezes no Egypto, — annunciou ao japonês. — Vou visitar a Terra Santa e, se puder, obterei uma licença do governo para proceder a excavações debaixo da Esphinge ou debaixo das Pyramides, afim de descobrir a mumia de Ramsés III. Affirmou-me um velho archeologo que encontrarei o escaravêlho do rei dentro do seu coração, na cavidade abdominal da mumia, e quero ver se é de facto verdade.

— Bonita idéa! — affirmou o oriental de olhos obliquos, não tendo embora a minima idéa do que Gladwin queria dizer.

— Já consultei uma tabella de vapores, por onde vi que poderemos apanhar o *Cedric* na semana vindoura, — proseguiu o *millionaire*. — Comece, pois, desde já a preparar as malas e aprompte a casa toda para uma prolongada ausencia. Bareato comprehendeu a ordem e executou-a.

Na rua, Gladwin encontrou o Agente 666, cuja ronda o fazia passar á porta do joven *millionaire*, todos os dias.

— Parto para a Europa, — disse Tra-

vers ao Agente, passando-lhe um charuto, — e quero que você tenha bem de olho o meu aposento durante a minha ausencia, pois tenho ali muitos objectos de valor que fariam a felicidade de qualquer larapio.

— Está bem, senhor, — disse o Agente 666, muito respeitosa, pois conhecia Gladwin de vista e sabia como elle era rico. — O costume é dar parte á Central, quando se ausenta um dos moradores do bairro; mas pôde ficar descansado que eu me encarrego de tudo.

— E enquanto estiver de guarda á minha propriedade, — continuou Gladwin, passando-lhe um gordo rolo de rotas de

até junto de uma janella, e põe-se á espreita. No interior havia um homem activamente occupado em arrumar os artigos de valor, de que estava cheia a casa do *millionaire*. O Agente sentia correr-lhe ás costas um arrepio de frio.

Empunhou o seu macete num gesto convulsivo, e verificando que a porta não estava fechada penetrou na casa, cautelosamente. Com passos de gato, encaminhou-se para a bibliotheca, e poz-se de atalaia atraz de uma *portière*. Avistou um individuo, de aspecto estrangeiro, que se entretinha a tirar as capas da *trichilia*, — e como um tigre, o Agente atirou-se sobre elle.



Travers Gladwin sou eu...

hanco — vá se divertindo a contar estes papelinhos!

— Deus lhe pague! — exclamou o Agente, com um sorriso de apreço. — Com semelhantes papeizinhos no bolso vou fazer tal permanencia á entrada da sua casa, que nem as moscas se atreverão a pousar nos seus parapeitos!

Gladwin assentiu com a cabeça e um sorriso. O japonês tinha despertado as suas suspeitas com a negativa terminante que oppuzera a acompanhá-lo á Europa, e o *millionaire* concluiu portanto de si para si que valeria apenas bolar sentido em Bareato. Que o oriental não era rigorosamente honesto já elle o sabia, pois surpreendera-o a surripiar varios objectos. Certo porém de que o Agente 666 não descuraria agora os seus interesses, Gladwin ausentou-se. Na noite seguinte, para mostrar a sua solicitude ao *millionaire*, o policial foi até á casa de Gladwin. Como uma tenue luz que vinha do dentro lhe ferisse a attenção, esgueirou-se á

— Está seguro, bandido! — disse, — *Deus misericordioso!* — fez o japonês, forcejando por se ver livre.

— E cala-me essa caixinha de assovios, senão racho-te a cabeça de meio a meio, com o *mata-brigas!* — ameaçou o policial. Larapio audacioso, e o que tu és, com toda a tua lingua de trapos!

— Não, sinhô! Não sinhô! — gritou o japonês assustado, ao reconhecer em poder de quem estava. — Eu sou Bareato, criado do sinhô Gladwin!

— Deixa de historias que isso não pega! — retorquiu o Agente. Depois, inspecionando mais de perto o preso: — Mas... por Deus, que é um chinês!

— Chamae meu patão Gladwin — implorava Bareato. — Elle dirá sinhô...

— E porque estavas então a descobrir os moveis, meu cara de limão amargo?

— Porque patão acaba mandá dizê não parte Gito! — explicou o japonês. Mas elle não qué ninguém sabia que elle não ia!

— Não está mal arranjada a tua patra-nha; mas para cá vens de carrinho! — disse a rir o policial, firmando a mão com segurança na gola do amarelo. — Ninguém me leva a mim no arrastão, com essa facilidade! Anda daí: lá fóra, ao

to, só porque este obedeceu às tuas ordens insensatas!

Gladwin tinha um rosto franco, em que brincava a toda a hora um sorriso, a proclamar a sua boa índole.

— Não te afflijas por isso, Whitney!

— Pois, meu amigo, se jámais houve um bobo completo, nada te ficou a dever!

— Bem sei, — disse Gladwin a rir. — Mas não está mais na minha mão! Sabes bem que eu adoro tudo quanto sejam sensações. Para esta aventura contei desde logo que me não negavas o teu auxílio!

O seu entusiasmo juvenil era em extremo communicativo. Tanto assim que Barnes começou a rir às gargalhadas, e observou por fim:

— Pois não te enganaste, meu amigo. Podes contar com o meu auxílio. Onde estiveste? No Club?

— Não. Não quero que os rapazes saibam que eu não parti, senão serei thema de chacota para todos elles. Fui pois jantar a um restaurant, e ali, ao mesmo tempo em que fui engulindo as minhas rações, vi na mesa contigua um anjo de Deus, uma rapariga lindissima com quem procurei fazer conhecimento, mas que não me deu a minima trella, devo dizer.

— Bem feito! — fez Barnes. — A coisa não deixa de ser entretanto surpreendente, pois sempre te considerei um misogynol!

Revestiu-se o rosto de Gladwin de uma expressão grave.

— Nunca encontrei uma mulher que tivesse o condão de me seluzir! — disse, pensativo. — Isto é, até o dia de hoje, em que encontrei no restaurant essa mulher de deliciosa belleza!

— Ha de ser mesmo um portento, para despertar em ti tão grande entusiasmo! — murmurou Barnes. — E averiguaste quem era?

— Não, nada sei, — respondeu Gladwin — mas posso affirmar que é linda e percebe-se pelas suas maneiras que é uma joven da mais fina educação.

Nesse momento soou uma campainha á entrada, e Barnes foi abrir a porta. Com grande espanto dos dois homens, duas moças elegantissimamente vestidas penetraram rapidamente na sala. Uma dellas era uma belleza, e os olhos de Gladwin não conseguiram dissimular o seu espanto quando sobre ella se pousaram.

— Santo Deus! — exclamou. — E' a rapariga que encontrei no restaurant!

— Pois não lhe exaggeraste a belleza, podes crer! — disse Barnes, baixinho.



Doas senhoras elegantissimas

fresco, é que eu ajustarei contas contigo! E, aos empurrões, foi levando o japonéz. Justamente nesse momento a porta abriu-se para dar entrada a Barnes, intimo amigo de Gladwin, e a quem o Agente 666 conhecia muito bem.

— Olá! — fez com ar de surpresa, ante a inesperada scena. — Que é que houve por aqui?

— Ah, Sr. Barnes! — gemeu Bareato, alarmado. — Policia pensa Bareato ladão!...

— Ah, comprehendo agora! — murmurou Barnes. — Pode deixar esse homem em paz, Agente. E' de facto o criado do Sr. Gladwin. Elle estava fazendo alguma coisa de mão?

— Não vê o senhor que me foi recommendada uma vigilancia toda especial sobre esta casa, começou o policia. — Espio á janella, e vejo este amarello a descobrir os moveis... De maneira...

— Foi só isso? Pois então não ha novidade. O pobre rapaz estava apenas executando as ordens de seu amo. Eu proprio estou esperando Gladwin ás sete horas. Elle telephonou-me para que eu me viesse aqui encontrar com elle e tratar de assumpto de importancia. Se elle ainda não chegou, não poderá demorar muito!

— Pois então, desculpe. Mas eu vou esperar: é o meu dever! — grunhiu o policia.

— Está bem, mas espere lá fóra com o japonéz, — aconselhou Barnes, aborrecido com o excesso de zelo do Agente.

O 666 fez um signal de assentimento e sahio do quarto, em companhia de Bareato.

Barnes estava nervoso, e não cessou de andar agitado de um para outro lado, até ouvir Gladwin.

— Que complicação damnada, Travers! — fez Barnes. — Telephonas-me para que eu venha aqui ter contigo, e venho achar a tua casa em poder de um policia autoritario, que teima em levar preso Barea-

— respondeu. — Já os encontrei aos dois, expliquei o caso, e dei ordens para que fosse relaxada a prisão de Bareato.

— E para que me mandaste chamar?

— Tive aviso de que o meu copeiro está apparecido com dois ou tres ladrões para me roubar os meus quadros a oleo, tão depressa o meu navio esteja em alto mar. Assim, resolvi renunciar á minha viagem á Europa, e voltei aqui tranquillamente, a desfructar a delicia de os apunhar, justamente quando estivesse sendo executada a manobra.



Preparando a fuga.

As duas senhoras lançaram os olhos innocentemente a Gladwin e Barnes, e a mais formosa observou, contrariada, a companheira:

— Mas olha lá, Sadie: os quadros estão pendurados na parede e não temos facilidade para os arriar.

— Talvez que estes dois senhores se promptificassem a auxiliar-nos! — suggeriu Sadie. Gladwin estava mudo de surpresa, mas curvou a cabeça cortezmente, e disse em tom o mais affavel:

— Será para mim um grande prazer poder ajudal-as. Permittem-me perguntar-lhes em que lhes posso ser útil?

— Acho que é melhor contar logo a cousa claramente, — disse a linda moça, enfrentado os olhos de Gladwin pela primeira vez. — O meu nome é Helena Burton, e esta outra moça é minha prima.

— Sim, senhora, — fez Gladwin, cada vez mais intrigado.

— Estou de casamento ajustado com Travers Gladwin, — proseguiu a moça friamente, com crescente espanto do joven millionario — e devemos-nos casar esta noite mesmo!

— Ah, isso agora é que não! — pensou de si para si Gladwin.

— É como estou preparando a nossa futura casa, e o Sr. Gladwin me disse que poderia usar, na decoração, estes valiosos quadros, vim buscá-los. Devia porém ter trazido commigo o Sr. Gladwin para m'os tirar das paredes. Acho bem estranho que elle não os tirasse dos pregos em que estão suspensos, sabendo que eu havia de vir aqui. Os senhores são, por acaso, amigos d'elle?

— Muito, na verdade, — fez Gladwin com uma significativa piscadella de olho a Barnes. — Sou de facto muito amigo do proprietario desta residencia. Quando elle voltar, não deixarei de communicar-lhe o que V. Ex. me disse e lhe pedirei que mande o empregado ter os quadros promptos para serem removidos quanto antes. Quando voltará V. Ex. a buscá-los? Como sabe vae ser preciso algum tempo para os apromptar...

A linda rapariga lançou a Gladwin um tal sorriso de agradecimento que o millionario muito sentiu, aos pulos o coração.

— Muito agradecido, — disse com enleio. — Voltarei o mais tardar até ás 10 horas da noite. Tenho que acabar a deco-

ração esta noite mesmo, pois é bem provavel que partamos amanhã, em nossa viagem de nupcias.

Gladwin franziu a testa ao ouvir essa allusão á presumida viagem, pois começava a sentir-se apaixonado pela linda moça e

pela senhora! — respondeu sem hesitar o joven millionario.

Essa confissão intensificou o seu interesse por elle, ao mesmo tempo que se lhe impunha a reflexão de que aquelle homem era muito mais attrahente do que o ou-



No papel de policia.

offendia-o a idéa de que pudesse caber a outra aquella maravilhosa presa.

— Sinto muito que a senhora se vá casar com Gladwin! — disse abruptamente, o que logo provocou, de parte da moça, um olhar de viva surpresa.

— Por que? — perguntou a mysteriosa beldade, estudando-lhe attentamente as feições. Com intuição feminina começava a perceber claramente que este rapagão alto, de apparencia sympathica, estava intensamente apaixonado por ella, e a consciencia desse sentimento despertava um eco sympathico em seu proprio coração.

— Porque eu tambem estou apaixonado

tro, a quem havia promettido a sua mão. Suffocou, porém, um profundo suspiro ao recordar-se de que não estava apenas compromettida a aceitar o outro homem por marido, mas sim que se ia casar com elle dentro de poucas horas.

— Creio que o senhor chega tarde! — disse com um sorriso. — Mas não faz mal. O senhor ha de encontrar alguma moça que lhe ha de falar ao coração, e então se esquecerá inteiramente de mim!

— Nunca! atalhou Gladwin, com audacia. — O verdadeiro amor só apparece uma vez na vida de cada homem! Durante todos os annos que passaram, as artes de mil sereias têm-me encontrado contrariado contra o amor, e foi perante a senhora que capitulei pela primeira vez!

— Vamos, Helena, — interrompeu a prima Sadie. — São horas de nos irmos embora.

— Pois sim, — respondeu a moça, e depois dirigindo-se a Gladwin: — Espero ter o prazer de o encontrar aqui, quando voltarmos.

— Não deixarei de aqui estar! — declarou com voz ardente.

Um momento depois, haviam desaparecido as duas senhoras, e Barnes cahia num ruidoso accesso de riso.

— Sim, senhor! Nunca vi episodio de amor mais original! Tu, que andas sempre á procura de tudo quanto ha de mais original has de ter encontrado nesta scena um infinito gosol!

— Vou-me casar com aquella rapariga!

— affirmou Gladwin. — Sei-o, tenho a certeza, sinto-o nos ossos, no meu sangue, no meu coração! Pod'es chamar-me de maluco se quizeres; mas, para mim, é positivo que ella não se casará com o tal individuo que a tem por sua futura esposa!

— Não comprehendo muito bem como vae arranjar isso! — commentou Barnes.

— Verdade seja, tu tens esse habito de fazer tudo quanto se te mette na cabeça;



O inicio do roubo.

(Termina no fim da revista)

O SEXTO MANDAMENTO

(DAS SPIEL MIT DEN WEIBE)

Direcção scenica de A. E. Liebo — Produção da Ufa de 1921/1922

DISTRIBUIÇÃO

Barão Carlos de Magalhães	Georg Alexander
Lisa, baroneza de Reichenbach	Hanni Welsse
Bernard Schwing	Erwin Fichter
Irma Klinge, amiga de Lisa	Rose Woldkirch
Dr. Langenbach	Ernst Gronau
Frederico Hart, cocheiro	Hans Sturm
Anna, sua filha	LOTTE NEUMANN
A velha Jule	Hedi Searle
A cozinheira	Josephine Dora
O guarda mattas	Emil Heyse
Um amante do sport	Ruth Singer.

Carlos de Magalhães, herdeiro universal de uma grande fortuna, levou a vida inteira brincando com tudo, não ligando a menor importância aos seus mais sérios actos na vida, inclusive ao casamento que contrahira com uma encantadora jovem de rara belleza e grandes virtudes.

Educado no castello de propriedade de seus paes, já fallecidos, elle ali passou a sua infancia brincando sempre com a filha do seu cocheiro, que tinha approximadamente a mesma idade. Mesmo depois de rapaz, não a deixou durante todo o tempo em que passava no seu castello. Passava elle horas inteiras brincando com a sua linda amiga de infancia.

Certo dia, no entanto, um desastre de trenó levou a sua casa a linda e encantadora baroneza e Carlos julgou-se apaixonado por ella e resolveu contrahir nupcias. A felicidade, no entanto, não durou muito, pois o seu coração ainda não se tinha convencido do amor que devia dedicar exclusivamente a ella, como o mandava o juramento que fizera perante o altar.

Vivendo num grande hotel, ali co-



Ali conheceu uma outra...



Brincando na neve



Era herdeiro universal...

nhiece uma outra e por ella tambem se apaixonou. Ella sae para o jardim e elle lhe segue os passos para lhe falar e quando está no "flirt" é visto pela sua legitima esposa, que ainda se julgava em plena lua de mel. Assim quebrou Carlos o juramento pela primeira vez. A jovem esposa não suporta a dor e retira-se para casa de sua mãe e depois de alguns dias recebe a visita do inseparavel amigo do seu esposo, que lhe vem pedir perdão para elle.

Ella o perdoo e volta para o castello, onde seu marido a espera de braços abertos. Passados alguns dias, a esposa sae em companhia do inseparavel amigo do marido e durante a sua ausencia a filha do cocheiro vai procurar Carlos no seu gabinete para lhe contar que o fruto do seu amor já se faz sentir e que ella, para não estorval-o no seu delicioso bem estar, se retira para a cidade. Quando os dois se beijam para se despedirem para sempre, a esposa entra no gabinete e ali encontra o esposo abraçado á filha do cocheiro, quebrando, portanto, novamente, os sagrados laços do matrimonio. Ella não se contém e esbofeteia a infeliz rapariga e Carlos não a defende, apesar das supplicas que ella lhe faz neste sentido.

Como louca sae em procura de seu pae e a este conta toda a sua desventura. O pae sae immediatamente em procura do seu patrão e este nega-se a recebê-lo. Não perde no entanto o odio de que se acha possuido e ateia fogo ao castello e a todas as suas dependencias. Quando as chammas começam a devorar a linda propriedade Anna, sua filha, já caminha em procura da cidade, mas o caminho é penoso e a neve geia-lhe os membros e ella cae desfallecida e assim morre no branco lençol de neve.

Carlos erra pelo castello em procura da esposa, que, no entanto, já havia sido salva pelo seu inseparavel amigo.

Elle não consegue vencer as chammas e morre.

Este foi o castigo que Deus lhe deu por não haver cumprido o que jurara perante o altar, quando contrahira o matrimonio.

JOHNNY DOOLEY, O CONHECIDO BAILARINO, SERÁ O BOBO DA CÔRTE DO FILM "WHEN KNIGHTHOOD WAS IN FLOWER"

Johnny Dooley, bailarino e actor comico, representará o papel de "Bobo da Corte" do Rei Henrique VIII no film da Cosmopolitan intitulado *When Knighthood Was In Flower*, e no qual a formosa actriz Marion Davies representa o principal papel.

O papel de Henrique VIII será representado por Lyn Harding, que veiu da Inglaterra especialmente para esse fim; o de Charles Brandon, por Forrest Stanley; o de Rainha Catharina, por Theresa Maxwell Conover; o de Duque de Buckingham, por Pedro de Cordoba; o de Lady Jane, por Ruth Shepley; o de Sir Edwin Cas-koden, por Ernest Glendinning; Wolsey, Arthur Forrest; Adam Judson, Charles

Gerard; Luiz XII, William Norris; o Duque de Longueville, Macey Harlan e o de Capitão Bradhurst, por George Nash.

GLORIA SWANSON PARTE PARA A EUROPA EM VIAGEM DE RECREIO

"Vou á Europa divertir-me, para depois, quando voltar, poder trabalhar com constancia e boa vontade".

Assim falou Gloria Swanson a um grupo de amigas que a foram acompanhar a bordo do vapor *Homer*, da "White Star Line".

"Em Londres irei a todos os theatros", disse a estrella da Paramount, "e em Paris não faltarei ao *Grand Prix*. Depois irei para Monte Carlo..."

"Levar a banca á gloria?" — interrompeu uma amiga.

"Oh, não! — respondeu Gloria Swan-

son. — "Contento-me em não perder as paradas que fizer, por que vão ser avultadas, mas, se a sorte me for adversa, ao menos, ganharei... experiencia!"

Antes de partir de Hollywood esta actriz trabalhou diligentemente, muitas vezes de dia e de noite, no novo film *Her Gilded Cage*, que Sam Wood dirigiu para a Paramount.

O itinerario da sua viagem será o seguinte: dois dias em Londres, sete em Paris, dois em Monte Carlo, dois em Roma, dois em Napoles, um em Florença e outro em Veneza. Desta cidade irá para Budapesth e depois para Berlim, onde permanecerá quatro dias. Depois irá para Bruxellas, regressando para Paris, onde prestará as devidas homenagens á Deusa Moda, comprando vestidos dos mais chics e elegantes.

"Na minha seguinte viagem irei á America do Sul", concluiu a estrella da Paramount, com o vapor já em marcha.

Os companheiros da noite

"Partners of the Night"

Film da Goldwyn — Produção de 1919

DISTRIBUIÇÃO

Mary Regan . . . PINNA NESSITT
Robert Clifford . . . WILLIAM B. DAVIDSON
Mathew Bradley . . . Emmett Corrigan
Thomé (polícia) . . . William Ingersoll
Dick Gerald . . . Vincent Coleman
Louis Gordon . . . Frank Kingtom
Harrigan . . . Tenny Wright
Bill Dempsey . . . Law O'Connor
Joe Russell . . . Mario Majeroni

OPINIÕES DA CRÍTICA

Motivo muito humano, bem interpretado, é uma boa diversão.

Moving Picture World.

História policial bem feita.

Motion Picture News.

É bem interessante o enredo.

Exhibitor's Herald.

Bem feito este film, deve interessar.

Wid's.

— Isto não passa de uma utopia, que só o cérebro de um sonhador...

— Não, Bradley, não é uma utopia, e eu não sou um sonhador. Longe vai o tempo em que a polícia tinha por função, única e exclusivamente, apoderar-se dos indivíduos nocivos à sociedade para segregá-los dos outros homens, o que produzia um resultado absolutamente negativo: o indivíduo impellido ao crime pela miséria, pela fome, pelo desespero entrava os humbraes da prisão arrependido e sahia corrompido. Hoje, porém, felizmente, uma penitenciária não é um lugar de castigo, mas de regeneração; o

criminoso instrue-se, aprendendo a avaliar a extensão do mal que causou à sociedade, trabalha, aprendendo a viver honestamente.

— Mas não se trata de prisões...

— Sim, mas, se falei na reforma, ou, melhor, na evolução das penitenciárias, foi para accentuar o nosso papel na re-

generação do criminoso. Reprovo os métodos violentos que ainda preconizam alguns chefes, entre outros o senhor Bradley. A missão da polícia é hoje muito mais elevada, e sublime, e por isso mesmo difficilima. Vigiar os criminosos conhecidos, impedil-os de praticarem novos delictos e, principalmente, impedir que cheguem a delinquir os individuos fracos, facil presa dos criminosos habituaes, eis o fim para que devem tender todos os nossos esforços. E note que não é uma razão sentimental que me leva a falar assim, é antes uma razão pratica. E' mais barato...

— O senhor é novo na policia, Sr. Thomé, e não conhece ainda os criminosos. Dar-lhe-ei um exemplo: que me diz desse Joe Russell, que a policia nunca conseguiu apanhar em flagrante?

— Russell é um velho criminoso, talvez incorrigivel. Mas a sua sobrinha, Mary Regan, que chega hoje pelo *Laureltonia*, é uma moça que pôde ser ainda desviada da senda do crime, para a qual a impelle tudo o que a cerca. O ambiente em que vive fel-a delinquir; subtrahida à influencia desse ambiente, será uma moça honesta.

— Não o creio. Em todo caso Mary Regan chega hoje e dentro em pouco será facil tirar uma prova pratica das suas theorias.

O commissario de policia Thomé, fez girar a cadeira e occupou-se em examinar os papeis espalhados sobre a sua secretária, enquanto Bradley, o chefe do corpo de *detectives*, cumprimentava e sahia.

O assumpto que discutiam era a preocupação maxima do novo commissario. Comprehendia elle que, para tornar-se possivel essa missão da policia, necessario

(*Termina no fim da revista*)



Hesitante...



E' a verdade, disse a moça...



A casa de Luiz Gordon estava cercada.



A mãe deve tudo...



Preparando a cidade.



A certeza cruel.



Aquella entrevista era uma cilada.



Certo do ludíbrio.

VENUS, A DEUSA DO AMOR

(VENUS DIE GOTTIN DER LIEBE)

Direcção de Hans Humpal—Produção da
Pan Film, de Viena, em 1921/1922 —

A acção se passa no sul da França, perto
da fronteira hespanhola.

DISTRIBUIÇÃO

O conde	Ludwig Nenz.
A condessa	Magda Sonja
Yvonne	Nora Herbert
Paul Greville	Racil Aslan
João Salvador	Frantz Everth



A queda da estatua.

No castello de Ile, no sul da França, seu proprietario, um velho admirador da antiga arte, descobre enterrado uma bella estatua de Venus, que ali fóra certamente enterrada por um dos seus antigos proprietarios na idade média e cheio de satisfação pela descoberta, manda desenterrar-a para a collocar sobre um pedestal, no lindo parque do seu castello. Cheio de gloria pela sua descoberta, o conde depois de prompta a estatua no seu parque, convida todas as pessoas de suas relações e a ellas mostra a linda estatua.

O pintor Paul Greville, que foi encarregado de fazer um "portrait" da linda condessa e que se apaixonou pelo seu model, logo depois de ver a estatua começou a ter visões que o atormentavam. A deusa do amor, Venus, ria continuamente, tal qual a ardorosa condessa.

Emquanto isto acontece, o contrabandista João se aproveita da figurada visão do joven pintor e acompanha cheio de ciúmes os passos da linda condessa, que elle veio a saber estava acompanhando, ou melhor, aceitando a corte de Paulo.

Yvonne, a enteada da condessa, que se encontrava num internato, chega neste interim para passar as férias em casa de seus paes e, ao ver o joven pintor, por elle se enamora e entre os dois nasce então uma paixão pura e completamente desinteressada.

Numa festa campestre na aldeia proxima ao castello é feito um concurso no jogo de bola, e João e Paulo são dois dos concorrentes ao premio dado. Nas primeiras jogadas Paulo é infeliz e elle attribue as suas más jogadas ao anel que lhe deu sua no-

sa, fugindo assim ao compromisso de amor que fizera a sua noiva, lembra-se do anel de que se esquecera no dedo da estatua. O seu estado de alma era tal que ao querer tirar o anel do dedo da Venus, vê esta fechar a mão, ficando elle sem poder recuperar o anel.

Completamente fóra de si, deita a correr pelas alças do parque e ali se encontra com João, que o vira juntamente com a condessa, em confabulação amorosa. Entre os dois ha uma troca de palavras e João lhe dá então uma faca e lhe diz: um de nós dois precisa morrer. Paulo nesta luta é vencido pelo seu desaffecto.

Depois de uma longa convalescença, em que é tratado carinhosamente pela sua noiva, são marcadas as bodas. Estas têm lugar com grande pompa e quando estas terminam e elle conduz a sua joven esposa para os aposentos nupciaes vê em sua frente, novamente, a estatua de Venus, que o persegue por toda parte. Como um louco deita a correr para o jardim, afim de destruir a estatua e neste interim, João, que tinha pela condessa um grande amor, consegue conduzi-la algemada.

Os camponeses, que attribuiam ás diversas estatuas do conde os azares nas suas plantações e as molestias dos seus animaes, nesta mesma hora haviam combinado a destruição das mesmas e no momento em que a condessa consegue desvencilhar-se do seu algoz, a estatua rola no despenhadeiro e a alcança, quando ella procura alcançar os jardins que lhe circumdam a magnifica vivenda.

João, como que petrificado, assiste á horrivel scena, sem nada no entanto poder fazer, e Paulo, que chegara junto á estatua no momento em que os camponeses a atiravam no despenhadeiro, ainda vê, quando esta leva de baldão a mulher que o amava e que sobre elle exercia aquelle poder em virtude do anel de que ella se apossara.

Desce, afim de ver se ainda lhe pôde prestar algum auxilio, mas tudo é de balde; mesmo assim, antes della cerrar para sempre os olhos ainda lhe entrega o anel que para os amantes tinha todo o poder imaginavel.

A condessa havia sido morta pela deusa do amor, que apesar de morta, continúa sempre a viver, seja aqui ou acolá, pois é immortal.



Venus surgindo do mar...



O noivado.



A tentação de Venus

va e que elle trax na mão direita. Este anel fóra dado a Yvonne pelo seu pa, que o encontrara num dos dedos da Venus, quando esta fóra desenterrada e segundo a lenda corrente elle servia para unir dois corações amantes.

Paulo tira o anel e não querendo confial-o a ninguém o colloca num dos dedos da estatua que está ali proxima. A partir deste momento começa o seu enfraquecimento e nesta mesma noite elle cede aos desejos da condessa, indo se encontrar com ella num lugar previamente por ella combinado.

Quando se encontra com a condessa,



O casamento.

mas reflecte: tu sabes-lhe o nome, esperas que ella volte aqui, e foste informado de que ella tenciona casar-se esta noite. Mas não lhe cophezes o endereço; por um dos caprichos da sorte pôde bem ser que tu nunca mais saibas de seu paradeiro!

— Com mil bombas! — exclamou Gladwin, contrariado. — E eu que não pensei em nada disso!

— E como se explica essa historia, que ella contou, do seu proposito de se casar com Travers Gladwin?

— É um simples problema de dedução. Miss Burton deixou-se sem duvida seduzir por esse bandido que pretende roubar os meus quadros. Elle com certeza apresentou-se-lhe sob o nome de Travers Gladwin. Iludindo-a mais e mais, acabou por convencer-a de que a desposaria. Depois, serviu-se della para mandar aqui buscar os quadros. Como ella não os levou, o bandido que se fez passar por mim, vai com certeza apparecer por ali para levá-los, elle proprio. Nessa occasião, é só segural-o e apresental-o á policia!

— E tu vae esperar por elle aqui?

— Decerto. Olhe: ahí vem Bareato.

O japonês fez a sua entrada, acompanhado pelo Agente 666.

— Ouvi patão dizê ladhão vem ahí, trouxe policia para segurá elle! — disse na sua meia lingua o amarello astucioso.

— Ainda bem que tiveste a idéa de chamar o Agente. — disse Gladwin — pois tenho cá uma idéa minha para apañhar esse Raffles de nova especie.

— Eu não posso ajudar? — perguntou o policia, curioso.

— Póde, sim. Offereço-lhe desde já duzentos dollars pelo emprestimo do seu uni-

forme. É só para pregar uma partida a um amigo meu!

— Abandonar o meu posto? — fez o Agente, alarmado. — E quando vier o rondante? Quem é que é tolo?!

— Não se afflija: eu tomarei o seu lugar na rua, de maneira que o rondante nenhuma queixa dará a seu respeito. — affirmou Gladwin. — O senhor só tem uma coisa a fazer: metta-se na cozinha, aqueça-se ao fogão, e vá se entretendo com as garrafas de cerveja que estão na geladeira, até eu voltar. Para que não tenha de cõrar de si mesmo, eu lhe emprestarei um dos meus ternos!

O Agente 666 hesitou, mas a poita era tão gorda que o representante da ordem deixou-se tentar.

Gladwin vestiu-se então com o uniforme do policia e foi á cozinha, ter com elle.

— Pareço mesmo um policia? — perguntou ao 666.

— Cuidado com o rondante! Olhe que elle me conhece! — implorou o Agente.

— Elle que não lhe veja o coração, senão está tudo perdido, meu chefe!

Gladwin prometteu ter cuidado, e indo á sala, disse a Barnes:

— Eu vou me postar agora na rua, e tu ficas aqui. Avistarei os larapios quando elles chegarem e entrarei aqui atraz delles. Tu fingirás ser um amigo meu que aguarda á minha volta e te inculcarás como tal se os larapios te fizerem alguma pergunta.

— Feito! — respondeu Barnes, — mas não me deixes por muito tempo a sós com elles. Nunca se sabe o que pôde succeder!...

Gladwin sahio para a rua, a tir, e poz-se a andar de um para outro lado, em frente da casa. A's dez da noite estava elle empoileirado sobre um hydrante de incendio, quando appareceu á vista uma li-

mousine, que logo depois se deteve á sua porta.

— Serão elles? — perguntou a si mesmo, saltando para o chão.

Saltou do vehiculo uma senhora de idade, vestida á ultima moda. Acompanhava-a uma moça, de nome Sadie. Conversaram as duas em voz baixa por um segundo, e logo penetraram na casa.

— Mas que é isto? — monologou Gladwin, perplexo. — Onde está aquella ideal beldade? E quem será aquella senhora de idade?

Atravessou para casa, e espreitando por uma janella aberta, avistou a mirona a conversar com Barnes.

— O senhor tem a certeza de que minha sobrinha não está aqui? — perguntava a senhora.

— Absoluta, minha senhora! — respondeu o amigo de Gladwin.

— Mas Helena Burton esteve aqui comigo hoje, e ouvi-a claramente affirmar que voltaria ás dez horas da noite — ponderou Sadie.

— Pois então, não voltou ainda! — respondeu Barnes. — Mas porque? Ha alguma coisa?

— Eu lhe digo, Eu sou a Sra. Burton, tia de Helena. Chegou ao meu conhecimento que Helena se prepara para fugir com um larapio por nome Gladwin, que mora aqui. A rapariga é intrinsicamente innocente e tenho a impressão de que esse miseravel bandido quer abusar della!

— Ah! — fez Barnes. — Comprahendo...

— E como essa pobre creança está entregue á minha guarda, pretendo frustrar os planos desse bandido, dando aviso á policia. Pódeis contar, meu caro senhor,

que Gladwin, ao regressar aqui, encontrará um agente prompto a prendê-lo.

— Santo Deus! — exclamou Gladwin, deixando cair o nariz. — Bonas perspectivas, para mim!

Barnes procurou dissuadir a Sra. Burton da sua ideia.

— Sua sobrinha é de maioridade, e é inadmissível que a estejam raptando contra sua vontade. Com a sua intervenção no caso, a senhora apenas conseguirá provocar um escândalo, e nada mais!

— Pouco importa! — retorquiu severamente a senhora. — Vou dar queixa e mandar varrer esta casa. Descobrirei Helena, custe o que custar, com tanto que a salve das garras desse impostor!

Eshorrejando ainda, abriu porta afóra, escoltada por Sadie, e Gladwin deu-se pressa em occultar-se por detrás de um barril de lixo, para não ser visto no momento em que as duas retiravam da habitação.

— As coisas estão ficando pretas! — reflectiu, entrando em casa e indo ao encontro de Barnes.

— Sabes quem esteve aqui? — perguntou-lhe o amigo.

— Sei até demais! Estava de atalaia à janella e não perdi uma palavra do que se disse!

— Sabes então que estás com passagem garantida para a cadeia?

— Sim, sei, mas deixa estar e procura escapar!

Precisamente nessa occasião, ouviu-se fóra, o ruído de um automóvel, e os dois correram à janella para espiarem o que se passava.

Dois homens bem vestidos desceram do carro.

— Não parecem larapios! — commentou Barnes.

— Mas é melhor que tenhamos a certeza, — disse Gladwin. — Esconde-te; estão entrando aqui.

Esconderam-se ambos, e ficaram à espreita. Dali a momentos entraram os dois indivíduos. Conversaram em voz baixa, e Gladwin avistou-os quando já procuravam arriar um dos quadros da parede.

— São justamente os larapios que eu esperava, — monologou, — e foi sem duvida um delles que aqui man'eu Miss Burton!

Um desconhecido dizia para o outro nestes termos:

— Queres que te diga com franqueza, Alf Wilson? Não me agrada nada este trabalhinho. É perigoso demais, e nada mais fácil do que sermos apunhalados...

Gladwin calou das nuvens. O nome de Alf Wilson era o de um conhecido gatinho internacional, que repetidamente apparecia nas columnas dos jornaes.

— Vamos, deixa-te de ser coarde, Watkins! — retorquiu Wilson.

Considerando que era chegada a hora de intervir no caso, Gladwin penetrou na sala, surpreendendo fortemente os dois larapios com a sua appareição.

— Vamos a saber? Que significa isto? — trovejou, aggressivamente.

Recobrando rapidamente o seu sangue frio e assumindo uma attitudo da maior dignidade, Wilson respondeu:

— Com licença de quem penetrou o senhor em minha casa?

— Sua casa? — retorquiu Gladwin.

— Decerto, minha casa. O meu nome é Travers Gladwin e sou eu o morador desta casa. Uma pessoa não pôde fazer o que bem lhe apraz em sua casa, sem que a policia intervenha?

No intuito de descobrir os planos dos meliantes, Gladwin resolveu não se denunciar immediatamente:

— Queira desculpar, Sr. Gladwin. Penso que o senhor estava fóra de cidade e quando vi gente aqui, entrei para syndicar do que havia.

— Muito attencioso da sua parte — resumiu o larapio condescendentemente.

— E já que você parece ser um bom amigo, dir-lhe-ei que pretendo fugir daqui com uma moça cujos paes me foram uma guerra de morte. Se você me promette afugental-os, caso elles venham aqui à cata della, dar-lhe-ei uma fiavelha de cincoenta dollars. Serve?

— Ora se não ha de servir!... Dinheiro é sangue, meu amigo!...

Um toque de campainha à porta levou Watkins a ver quem era, e Helena Burton entrou, aparentemente muito impressionada e nervosa. Trazia na mão uma maleta.

— Ah, Travers! — exclamou, correndo para Wilson. — Temos que nos despachar: minha tia está no meu encalço!

— Mas não te apanhará porque eu te vou esconder no meu carro! Agente, carregue a maleta!

E, entregando a maleta a Gladwin, sahiu, acompanhando Helena.

— Situação curiosa, na verdade! — disse Gladwin, coçando o queixo.

Acompanhou os dois até o carro, prometendo proteger a moça; mas, tão depressa se viu a sós com Helena, disse-lhe toda a verdade sobre o caso.

— Este sujeito, Wilson, é um larapio conhecido, e o verdadeiro Travers Gladwin sou eu! — explicou. — A senhora está sendo illudida e é indispensavel que desapareça quanto antes, pois não posso

prender o bandido sem a implicar como cúmplice, estando a senhora presente.

Ella não quiz acreditar no que elle lhe disse, de maneira que Gladwin tornou a penetrar no interior da habitação para ver o que estavam fazendo os dois larápios, e Helena seguiu-lhe os passos.

Gladwin dirigiu-se á cozinha. Não havia mais necessidade d'elle se apresentar sob o disfarce do Agente 666, de maneira que tornou a vestir as suas próprias roupas e foi ao encontro da moça no vestibulo.

— Uma vez que a senhora não acredita, vou-lhe provar que não lhe disse senão a verdade. Esconda-se e assista á conversação que eu vou ter com aquelle ladrão e assim se convencerá de que eu sou verdadeiramente Travers Gladwin. Logo que estiver convencida, peço-lhe então que se retire.

Escondeu-se Helena, ao ouvir aproximarem-se os passos de Wilson, a quem Gladwin para logo enfrentou.

— E o uniforme do policial, que foi feito d'elle? — perguntou o larápio surprehendido.

— Eu não sou policia. Estou aqui no mesmo "trabalhinho" que o senhor e apenas vesti aquelle uniforme para illudir qualquer espectador que porventura apparecesse! — disse Gladwin.

— Sabes então que eu só me estou fazendo passar por Travers Gladwin para poder roubar daqui o que possa?

— Decerto que sei!

— Felizmente, se a policia apparecer não me será difficil convencer-a de que sou de facto Travers Gladwin, uma vez que elle partiu para o Egypto!...

Precisamente nesse momento, entraram dois ou tres policiaes, e com grande espanto de Gladwin, Wilson perguntou-lhes:

— Quem foi que os mandou aqui?

— Uma certa Sra. Burton.

— Ah, já sei: a respeito da tua sobrinha. Ella, porém, ainda aqui não veio. Quem está aqui é o larápio que pretendia raptal-a! — disse apontando para Gladwin, boquiaberto de surpresa.

Agarram-n'o então, e os dois larápios poderiam ter sahido da residência do joven millionario com a maior calma, se não tivessem entrado alguns outros policiaes portadores de um mandado de prisão contra Gladwin.

— Quem nós aqui viemos buscar foi Gladwin! Onde está elle? — perguntou o sargento.

— Olhe; aquelle, ali, jura ser Gladwin e portanto, acho que o melhor que os senhores têm a fazer é prendel-o...

Mas Wilson, abandonando o disfarce de Gladwin, apagou subitamente as luzes da sala e deu ás de Villa Diogo com o seu companheiro.

Como viesse entrando a Sra. Burton, Gladwin disse então para os seus captores:

— Ainda não perceberam que elle os illudiu sobre a minha personalidade, para melhor poder fugir?

A Sra. Burton segurava Helena pela mão. Depois, dirigindo-se á policia, disse:

— Creio que ha nisto tudo um grave equívoco, e uma vez que o verdadeiro larápio fugiu, acho que a unica coisa que lhes resta fazer, senhores agenticos, é irem-se embora!

Depois de alguma discussão retiraram-se de facto, e Helena estendendo a mão a Gladwin, disse-lhe:

— Agora estou convencida da tua identidade, e rogo-lhe me desculpe as liberdades que tenho tomado com o teu nome!

— O meu nome, se o quizer para si,

é teu! Guarde-o para sempre, e com elle, aquelles lindos quadros a oleo que os rapinantes tanto se empenhavam por levar!

— respondeu.

— Está bem: dar-lhe-ei uma resposta definitiva, depois que o conhecer melhor. Não deixe de me ir visitar muito breve, sim?

— Por hoje limitar-me-ei a acompanhá-la a casa, — respondeu Gladwin com meiguice. — Quem sabe? Talvez até lá tenhamos chegado a um definitivo entendimento!

Helena annuiu e quando ella e sua tia penetraram no carro do joven millionario, foi o Agente 666 que lhes cerrou a portinhola, rindo com uma cotovellada na barriga de Bateado, pois no seu bolso havia um bom rolo de notas de banco, de que Gladwin lhe fizera presente, para o recompensar dos seus serviços...

OS COMPANHEIROS DA NOITE

FIM

se fazia expurgal-a dos maos elementos que a desacreditavam. Bradley desagradava-lhe. Não o julgava com idoneidade moral bastante para dirigir o corpo de *detectives*. Este, composto de rapazes intelligentes e esforçados, só poderia desenvolver uma acção efficaz, chefiado por um homem de reconhecida competencia e probidade inatacavel. Se bem não tivesse suspeitas sobre a honestidade de Bradley, as perseguições que movia contra certos transgressores da lei, perseguições que cessavam bruscamente, sem causa apparente, davam-lhe que pensar.

Na realidade, Bradley era não somente um individuo deshonesto, mas o chefe de um perigoso bando de malfetores que, protegidos por elle, livres das perseguições

da policia, operava livremente em New York.

Mary Regan, sobrinha de Joe Russell, lugar-tenente de Bradley e chefe apparente da quadrilha, trilhava francamente a estrada do crime. Um telegramma de Dupont, commissario da policia de Paris, dirigido ao commissario Thomé, scientificara-o da presença de Mary Regan a bordo do *Laurentia*, dando-a ao mesmo tempo como autora de diversos roubos verificados em Paris, na residencia de varios americanos ricos.

O commissario tomou immediatamente uma decisão. Passageiro do *Laurentia*, devia chegar tambem um dos mais habéis *detectives* da policia newyorkina. Encarregado de perseguir dois gatinhos americanos que se haviam refugiado na Europa, voltava Robert Clifford á patria, frastassada a sua diligencia pela morte dos dois larápios. Seria impossivel, pensava Thomé, que se não tivessem avistado com Mary Regan, viajando ambos no mesmo navio. Uma vez desembarcados, era intuito do commissario empregar a actividade do rapaz em vigiar de perto a rapariga, para impedil-a de proseguir na vida criminosa.

De facto, as relações de Clifford com Mary Regan estavam mais adeantadas do que o julgava Thomé. Encontrando-se todos os dias, ambos jovens, uma terna sympathia nascera no coração de Robert Clifford, sympathia que elle julgava partilhada pela moça.

Nas longas noites da viagem em pleno oceano, á suggestiva claridade do luar, essa sympathia desenvolvera-se, tornara-se mais terna, mais profunda.

Não fóra a presença de Dick Gerald, cujas attentões e galanteios para com Mary haviam provocado commentarios dos

outros passageiros, Clifford sentir-se-lhe inteiramente feliz.

O grande transatlantico atracara ás 2 horas. A's 3 apresentava-se Clifford na chefatura de policia. Inteirado, sem mais preambulos, da situação de Mary Regan, o moço soube supportar o rude choque com apparente calma; e foi com satisfação que recebeu a incumbencia de vigial-a. Seria o seu anjo da guarda. Porque Mary, que lhe revelara uma alma candida, uma pureza patente na franqueza dos seus olhos negros e profundos, não podia estar corrompida.

Dick Gerald era um rapaz inexperiente e credulo, filho de um banqueiro de New York e empregado do banco de seu pae.

Animado pelas meias-palavras, pelos olhares de Mary, enlevado pela sua belleza angelica dedicara-se-lhe inteiramente e, por diversas vezes pedira-lhe consentisse em ser sua mulher. Mary fugia de responder-lhe directamente, prestando a sua obediencia ao tio, de quem dependia. Cada vez mais fascinado, Dick deixava-se embalar pelo canto daquella sereia, sem suspeitar o laço que lhe armavam. Assim, quando ao seu pedido a Joe Russell, este respondeu que elle não poderia proporcionar á sua mulher o luxo a que estava acostumada Mary, um projecto monstruoso brotou da mente do apaixonado. Conhecedor de todos os recantos do banco, facil lhe seria apoderar-se de uma forte quantia, cerca de trescentos mil dollars, depositada no cofre...

Clifford suspeitava vagamente de toda a manobra. O seu amor por Mary resistia aos embates da razão, que trabalhava por expulsal-o; mas o coração levava-o a persistir no seu proposito de impedir a todo o transe que Mary Regan se tornasse uma ladra.

Por sua vez, Bradley, instruido pelos seus espiões, da armadilha em que Russell pretendia fazer cair o joven Gerald, e sciente da vigilancia de que Clifford cercava tio e sobrinha, não se martinha inactivo.

No sabbado á tarde estava tado preparado. Joe Russell e a sobrinha, preparados para a viagem, esperavam Gerald. Este chegou pouco depois e, abrindo a mala, patenteou aos olhos cubicosos do velho um maço de notas.

— Bem, partamos, disse Russell, e preparavam-se todos para sahir, quando bateram á porta.

Era Clifford. Ao penetrar no apotento, o seu olhar cahiu sobre a mala de Gerald.

— Que deseja o senhor? — perguntou Russell.

— Verificar o que contém a mala de Dick Gerald.

E, juntando o acto ás palavras, abriu a mala.

— Agora, proseguiu elle, quero que digam a verdade a esse joven, quando não falarei eu.

E como os dois cúmplices se mantivessem silenciosos, elle voltou-se para Gerald, que, immovel e mudo, parecia petrificado, e declarou:

— Essa mulher nunca o amou. Ella e o seu tio iam fugir para o Canadá e deixal-o ás voltas com a policia.

— Mary! exclamou o rapaz, olhando anciadamente para a moça, como esperando um desmentido.

— E' a verdade! confirmou ella, afastando-se para uma janella; mas logo, recusando, exclamou:

— O automovel de Bradley!

— Bradley! disse Clifford, daria tudo para apanhal-o em flagrante. Se vocês quizerem auxiliar-me eu os deixarei em liberdade.

— Esconda-se ali, disse o velho, apontando para uma porta, para onde Clifford encurrou Gerald com a mala, e fechou atrás de si.

Bradley vinha reclamar a sua parte do roubo. Inutilmente Russell protestou que nada haviam apanhado. O chefe só se convenceu, depois de uma busca minuciosa em todo o quarto.

— Perdoa-me, disse elle a Mary, se duvidas de ti...; continua no encalço do jovem Gerald, que é uma boa mina a explorar. E lançando um ultimo olhar perscrutador no velho Russell, retirou-se. Clifford appareceu, ainda estupefacto do que ouvira. Era então o proprio chefe do corpo de *detectives* o protector desconhecido desses gatunos elegantes! Boa descoberta, na verdade. Mas cunharia apanhal-o em flagrante; de outra forma ninguém lhe daria credito. Quanto ao caso presente, sabia já como solucioná-lo.

— Ficaremos todos aqui até segunda-feira, declarou elle, voltando-se para Joe Russell e Gerald.

E como os outros pareciam admirados, o *detective* encolheu os hombros e deixou-se calar sobre uma poltrona.

Bradley conhecia a intelligencia apurada e a argucia de Robert Clifford e temia-o. Foi, pois, decidido a perdê-lo no conceito de Thomé e no intuito de fazê-lo expulsar da policia que machinou um plano infernal, plano que pôz em execução logo que um dos seus espiões veio polo ao corrente do que fizera o rapaz.

— Clifford obrigou Gerald a restituir o dinheiro e deixou Russell e a sobrinha em liberdade, dissera o espião.

Era verdade. Ao romper do dia, Clifford fizera-se transportar ao banco, acompanhado por Gerald, Russell e Mary. Ali chegados, dirigira-se ao rapaz.

— Vae repôr esse dinheiro onde o tiraste e faze-te fazendeiro, Dick; é mais seguro. Em seguida, voltando-se para Mary:

— Não tenho nenhum agravo contra a senhora e seu tio. Podem retirar-se.

— Mas por que fez isto? perguntou Mary, admirada com aquelle procedimento inexplicavel.

— Porque considero meu dever, não apenas prender os criminosos... dar-lhes opportunkdade para se regenerarem.

Ora, essa salvação podia convir a todos, menos a Bradley. Quando Clifford se apresentou no seu gabinete, o chefe ordenou-lhe seccamente:

— Quero que te encarregues de uma batida a uma casa de jogo; a casa de Louis Gordon. E isto para esta noite.

Robert Clifford inclinou-se e sahio. A noite a casa de Louis Gordon estava cercada e, dentro em pouco, todos os jogadores cahiam nas mãos da policia. O *detective* dispunha-se a retirar-se, quando encontrou o commissario que, acompanhado de Bradley, vinha assistir á diligencia.

— Trouxe o Sr. Thomé para mostrarlhe como fazemos uma batida de primeira ordem, explicou Bradley.

Nesse momento um rapazola que descia as escadas, entre dois agentes, precipitou-se para Clifford, bradando:

— Canalha, dei-te dez mil dollars para que me deixasses em liberdade e prendem-me da mesma maneira!

— O senhor está louco, respondeu Clifford, tranquillamente.

— Miserável! tornou o jogador, e bem vi quando guardaste o dinheiro no bolso interior.

— Clifford, interveiu Bradley, no teu proprio interesse aconselho-te a que te deixes revistar para fazer calar esse devairado.

— Pois não, assentiu o rapaz.

Um agente chegou-se a elle e metten a mão na algibeira indicada. Clifford ficou petrificado. Dez mil dollars estavam ali, no seu bolso!

— Isto é uma infamia, exclamou elle. Deviam ter-me introduzido esse dinheiro no bolso quando houve luta lá em cima.

Bradley e Thomé retiraram-se sem lhe responder.

No dia seguinte os jornaes da manhã traziam uma pequena noticia.

"Accusado de suborno, o tenente Robert Clifford, do corpo de *detectives*, foi expulso do departamento."

Thomé, porém, não acreditava na culpabilidade do moço e assim lh'o garantiu em uma entrevista secreta que teve com elle e em que lhe pediu o seu auxilio para desmascarar Bradley. Mostrou-lhe tambem uma carta de Mary Regan, em que esta lhe pedia fosse aquella noite ao Hotel Grantham, ás 9 horas.

Às 9 horas Thomé apresentou-se ao local marcado e, divisando Mary Regan sentada só a uma mesa, sentou-se a seu lado. Pouco depois Clifford apresentava-se por sua vez e sentava-se ao lado do chefe.

Mary sentou-se mal sob o olhar franco do rapaz. Aquella entrevista era uma cilada preparada por Bradley, devendo a moça entregar ao commissario um envelope em que deviam estar as provas contra o chefe do corpo de *detectives*. Na realidade, o envelope continha uma forte somma que serviria a Bradley para provar o suborno de Thomé.

Collocada entre o amor de Clifford e o seu instinto, Mary mantinha-se irresoluta. Vira Bradley entrar acompanhado de alguns jornalistas que convidara para

assistir a um facto sensacional e não se atrevia a fugir ao compromisso que tomara para com elle. Clifford tirou-a do embranço, convidando-a para dançar. Desde esse momento a sua resolução foi tomada. Quando de novo se sentaram, Mary pediu licença para retirar-se um momento e voltou ulogo com um envelope que entregou a Thomé. Este dispunha-se a abri-lo, mas a moça pediu-lhe que só o fizesse em casa.

Bradley, que os observava, vendo chegado o momento de intervir, arrecou-se, acompanhado pelos outros, e, depois de haver cumprimentado o chefe, disse-lhe com insolencia, apontando para um dos do seu grupo:

— Este sujeito diz que lhe pagou para que o senhor não o incomodasse, e que envie o dinheiro por essa mulher.

Thomé comprehendeu immediatamente o laço em que cahira. Ergueu-se cheio de indignação, ao tempo que Bradley accrescentava:

— Ella lhe entregou esse dinheiro ha um instante, dentro de um envelope.

O commissario abriu a casaca e, tirando o envelope do bolso, entregou-o, com um gesto de nojo.

Bradley rasgou o envelope, abriu-o aos olhos de todos e... tirou uma folha de papel em branco!

Clifford e Thomé sorriram. E o segundo disse:

— Julgou ter jogado um az, mas enganou-se; jogou um dois. Esta moça nada podia ter de commun com individuos dessa especie. Quer guardar esse envelope como lembrança?

Bradley soltou um rugido de furor e ia para retirar-se, quando Clifford o agarrou pela gola.

Bradley voltou-se, debatendo-se e, a esse movimento, o casaco, abrindo-se, dei-

xou ver um charuto no bolso do collete. Rapido como o pensamento, Mary apoderou-se dello, e rasgando-o mostrou um maço de notas enroladas.

— Então aqui quinze mil dollars que esse lândido recebeu desse jogador para deixal-o roubar o publico!

Um momento depois Bradley era entregue aos agentes de policia de guarda ao hotel e Clifford reunia-se a Mary, que se retirara para um canto.

— Mas Bradley entregou-te dez mil dollars para tu perderes o chefe. Onde estão elles? Seria a prova decisiva.

Fazendo-o voltar-se, Mary tirou da liga o maço de notas e entregou-lh'o.

Thomé, ao retirar-se, observou:

— Então Clifford, tinhamos ou não razão nas nossas theorias? Quando tiveres tempo apparece lá no departamento que temos alguma coisa para ti. Senhorita, accete os meus agradecimentos...

— A ti se deve tudo, Mary, murmurou Clifford, quando se viu só com a moça. Eu estava louco quando te accusel... queres perdoar-me?...

— Nada tenho a perdoar...

— Queres ser minha esposa, Mary, querida? Sabes quanto te amo... não digas que não... tu és um anjo... e o chefe nos condemna or toda a vida... a vivermos juntinhos.

RUMO A LONDRES

FIM

— O meu nome é Rex — diz o mancoço.

— E eu sou Emilia — responde a moça.

— Casada? — pergunta o joven, com o coração a subir-lhe á bocca.

— Ainda não... graças ao senhor!

— Que me diz? Queriam talvez farela

desposar aquelle milhafe, com cara de segunda mão?

— Sim, queriam e ainda o podem fazer porque sou menor. De resto, se me apanharem, é positivo que não escaparei.

Ahl, Rex acha opportuno allixar o coração dos sentimentos que nelle tumultuam desde que conheceram Lady Emily, e a donzella deixa-se succumbir á emoção de que ella propria compartilha.

O joven americano não precisa de mais, e porque é diligente e resolutio pisa com determinação o accelerator. O auto dá um sacção tremendo, e ao mesmo tempo, num murmurió, Lady Emily, diz-lhe ao ouvido:

— Agora, sim, tenho a certeza de que elles não são capazes de me apanhar.

Mas espinhoso é ainda o caminho do amor para os dois jovens. Já ao longe avistam o castello de Windsor, quando uma "pane" os paralysa de novo. Em ultimo recurso, Rex vale-se de uma carrinhola puxada por um burrico, com a qual atravessam uma rua historica e vão por fim parar á porta de um pastor obsequioso, que delles faz, para sempre, marido e esposa.

De volta a Londres, antes que Rex tenha tido tempo de mudar de roupa, a gorda duquesa vae sorprendel-os no "Savoy Hotel" e informa Rex da illegalidade do seu casamento, por ser Lady Emily menor. Assim, pois, toda a policia de Scotland Yard seria posta em acção, se a donzella não voltasse immediatamente á sua aristocratica residencia.

Lady Emily volta, de facto; mas, vigilante na defesa do seu amor, sem difficuldade consegue ir juntar-se a Rex na cabine de noivos do magestoso "Olympic", de antemão tomada pelo experimentado padre Rex, certo de que o filho era esperio demais, para se deixar vencer pela aristocracia londrina.

PARO ROYAL

Acabamos de receber um variado e luxuoso sortimento de artigos de

ULTIMA MODA

VESTIDOS — recentes criações
CHAPEUS — ultimos modelos
TECIDOS — os mais modernos

MANTEAUX — alta confecção
PELLES — verdadeiras
VELLUDOS — novos tipos

...e uma quantidade innumeravel de artigos de novidade que são de relevante importância na toilette feminina, taes como — bolsas — carteiras — cintos — luvas — chapéus de chuva — estojos diversos, etc.

VISITEM O GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS DE INVERNO NO

Paro Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGUENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo therapeutico e que irritam a pelle com gorduras rançosa que contém.



...gordura, liquido, não suja a pelle e nem as roupas, de uso facil, commodo e rapido, não obstruindo os poros da pelle e não impedindo a sua perfeita respiração, que é o unico meio de se conservar perfeita e evitar as rugas da velhice.

A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro adoptado na Europa, Norte-America, Argentina, Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura efficazmente as molestias da pelle, feridas, dermatos, eczemas, suor dos pés e dos sovacos, queda dos cabellos, etc. O seu uso constante conserva a pelle fresca e evita as rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso, evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias.

Preço: 3\$000

Lugol depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 88 e S. Pedro, 20 — Rio de Janeiro.

Bom Dia!

Como está hoje o seu estomago? Melhor appetite? Boa digestão? Se não, experimente as

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Durante vinte e cinco annos ellas têm sido as melhores amigas do estomago. Se V.S. as tomar, ficará bom, com segurança. Não acceite substitutos, traga as verdadeiras.





